

Espiritismo e Parapsicologia

A black and white photograph of a two-story house with a porch supported by columns. The house is partially obscured by the bare, intricate branches of trees in the foreground. The overall tone is somewhat somber and atmospheric.

Carlos Bernardo Loureiro



Foto do pesquisador
Carlos Bernardo Loureiro

A pesquisa tenaz de todas as formas de psiquismo parece bem mais urgente, para o homem, do que construir e pilotar naves espaciais, na esperança de alcançar novos mundos, povoados por eventuais Super Homens.

BORIS NOYER, in: Reflexions Sur L'inconnu

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução | 5 |
| Evolução das Pesquisas Parapsicológicas | 9 |
| A Função Psi Responde as Seguintes Características: | 10 |
| Telepatia | 11 |
| Clarividência | 13 |
| Efeito de Deslocamento | 14 |
| Clarividência Intencional | 14 |
| Clariaudiência | 15 |
| Clari-Senciência | 16 |
| Precognição | 16 |
| A Precognição em Estado de Vigília | 17 |
| A Precognição de Natureza Mediúnica em Estado de Vigília | 18 |
| A Retrocognição | 18 |
| Psicocinese | 21 |
| Visão Indireta | 25 |
| Deslize Temporal | 27 |
| Ensaio de uma Crítica da Vida | 29 |
| A Visão Anímica | 32 |
| O Corpo Sutil da Alma | 35 |
| Do Magnetismo à Bioenergia | 37 |
| A Teoria dos Fluidos | 41 |
| O Acumulador de Ectoplasma | 45 |
| O Ectoplasma na Visão de Pesquisadores e Médiuns | 45 |
| Energia e Consciência | 50 |
| Sonambulismo Natural e Magnético | 53 |
| A Psicoscopia e a Questão dos Homens Duplos | 59 |
| A Exteriorização da Sensibilidade | 65 |
| Formas Pensamento | 66 |
| Fotografia de Formas Pensamento | 70 |
| O Controle Científico das Experiências | 71 |
| Os Organismos Vivos são Campos de Energia | 73 |
| Típicas Manifestações Anímicas | 77 |
| Ideoplastia | 77 |
| Anagnosia | 77 |
| Paragnosia | 77 |

| | |
|--|----|
| Perianagnosia | 78 |
| Proanagnosia | 78 |
| Teleanagnosia | 78 |
| Autocospia | 78 |
| Bilocação | 78 |
| Autopremonição | 78 |
| Clarividência | 79 |
| Criptestesia ou Telepatia | 79 |
| Campo Medianímico | 79 |
| Criptomnésia | 80 |
| Paracinesia | 80 |
| Telecinesia | 80 |
| Metergia | 80 |
| Metabios | 81 |
| Personismo | 81 |
| Pictografia | 81 |
| Psicocinesia | 81 |
| Psicometria | 81 |
| Transposição | 82 |
| Desdobramento do Perispírito em Estado de Vigília | 82 |
| Levitação | 82 |
| Sonambulismo | 83 |
| Soniloquia | 83 |
| Dermoótica | 83 |
| Transe | 84 |
| Glossolalia | 84 |
| Biopausa | 84 |
| Pirovasia | 84 |
| Fotografia Psíquica | 85 |
| Tela Panorâmica | 85 |
| Telepsicomagnetoterápico | 85 |
| Transfiguração | 85 |
| Ectoplasma | 85 |
| Magnetismo | 86 |
| Kirliangrafia | 86 |
| Diapsíquica Dermográfica | 86 |

| | |
|--------------------------------------|----|
| Elongação..... | 86 |
| Hiperestesia..... | 87 |
| Metacinesia..... | 87 |
| O Biômetro De Hippolyte Baraduc..... | 87 |
| Psicotrônica..... | 87 |
| Premonição..... | 88 |
| Déjà Vu e a Premonição..... | 88 |
| Diapsíquica..... | 88 |
| Referências Bibliográficas..... | 88 |

Introdução

Foi Max Dessor (1867-1947) quem propôs em 1889 o termo “parapsicologia” como um neologismo substitutivo do “ocultismo” alemão e da “investigação psíquica” inglesa (Vide Revista “Phenix”, onde se insere o artigo “Die parapsychologie”). Entretanto, somente nos anos trinta do século XX que o vocábulo tornou-se efetivamente conhecido.

Em 1927, o Dr. William Mc Dougall (1871-1938), psicólogo de Oxford e Harvard, fundou o departamento de psicologia da Universidade de Duke em Durham, Carolina do Norte (EUA), convidando, então, o Dr. Joseph Banks Rhine, considerado o pai da Parapsicologia Moderna, para trabalhar ao seu lado no recém fundado Departamento.

Rhine nasceu em Waterloo, Pensylvania (USA), em 29 de setembro de 1895. Obteve seu doutorado em Biologia em 1923, na Universidade de Chicago. Deu início às suas pesquisas em Duke, tentando colher subsídios relativos à sobrevivência depois da morte, lançando mão da extraordinária médium Eillen Garret (1893-1970), fundadora da “Parapsychology Foundation”, 1951, em Nova York¹. Progressivamente, foi diversificando

¹ A “Parapsychology Foundation” patrocinou a realização da Primeira Conferência de Parapsicologia, em Utrecht (Holanda), 1953.

as suas investigações, preocupando-se, então, em definir as formas de conhecimento além dos sentidos (percepção extra-sensorial) e de ações psíquicas sobre os corpos físicos (psicocinesia).

Entre os anos de 1928 e 1934, Rhine realizou notável e pioneiro trabalho no Departamento de Psicologia da Universidade de Duke, juntamente com sua esposa Dra. Louisa Ella Rhine, Gaither Pratt, o Dr. Helge Lundholm e o Dr. Karl E. Zener, idealizador do conhecido jogo de cartas, que leva seu nome e que consiste em um maço de 25 cartas, repartidas por igual em cinco símbolos: círculo, quadrado, ondas, estrela e cruz².

Em 1934, apareceu a Monografia de Rhine, prefaciada por Mc Dougall, sob o título - “Extrasensory Perception”, onde ele expunha os resultados práticos de suas pesquisas, sem qualquer discussão ou reflexão filosófica. O trabalho suscitou acerba e contrária reação pública, a ponto de a supracitada universidade não permitir a continuidade das pesquisas paranormais.

Rhine e a sua brilhante equipe, sendo dispensados pela Duke, fundaram o “Duke Parapsychology Laboratory”, independente da Universidade e dedicado, exclusivamente às investigações supranormais. Em 1937, o laboratório lança o “Journal of Parapsychology”, com circulação trimestral. Na mesma época, Rhine escreveu a primeira de suas obras sob o título - “New Frontiers of the Mind” (“Novas Fronteiras da Mente”), posteriormente, Rhine dava à luz - “The Reach of the Mind” (“O Alcance da Mente”); “New World of the Mind” (“O Novo Mundo da

² O baralho Zener foi idealizado por Karl E. Zener, pesquisador da Universidade de Duke, e J. B. Rhine o introduziu nas suas experiências com a função Psi, com o objetivo de apontar, classificar e avaliar os fenômenos paranormais estatisticamente.

Mente”) e “Parapsychology” (“Parapsicologia”), esta em colaboração com o Dr. Gaither Pratt.

Para enfrentar as críticas, num país predominantemente protestante, e para dar maior solidez aos trabalhos, Rhine associou-se ao matemático inglês Samuel Soal (1890-1975), também um notável parapsicólogo, estudioso da Telepatia. Quando se celebrou, em 1937, o Congresso Anual da “American Institute For Mathematical Statistic”, na cidade de Indianópolis (EUA), avaliaram-se as técnicas estatísticas empregadas por Rhine e Soal, concluindo-se que as mesmas eram corretas. Outro êxito obteve-se quando a maioria dos psicólogos reunidos em 1938, em Columbus, Ohio, no Congresso anual da “American Psychological Association” admitiu que a investigação da ESP (Percepção Extrasensorial) era legitimamente científica e pertencia ao campo da psicologia.

Entre 1930 e 1940, J. B. Rhine e sua ilustre equipe realizaram as seguintes e opulentas pesquisas³:

- 2.966.348 experimentos telepáticos.
- 129.775 experimentos de clarividência.
- 497.450 provas de percepção.
- 907.030 pesquisas de precognição.

Em 1965, Rhine passa a dirigir a “Foundation for Research on the Nature of Man” (“Fundação para a investigação da Natureza do Homem”), instituição que havia fundado em 30 de junho de 1962, no contexto

³ Dados colhidos em “Magia e Parapsicologia”, de Bruno A. L. Fantoni, Buenos Aires.

administrativo do “Institute of Parapsychology”, que substituiu o “Duke Parapsychology Laboratory”.

Em dezembro de 1969, a “American Association for the Advancement of Science”, entidade maior da ciência oficial norte-americana, permitiu, à unanimidade, a filiação da “Parapsycological Association”, que tem sede na cidade de Nova Iorque.

Em 20 de fevereiro de 1980, desencarnou J. B. Rhine, com a idade de 84 anos. Seu nome está inscrito no Panteão dos que dedicaram suas vidas para o engrandecimento da Humanidade.

Sua esposa Louisa Ella Weckersser Rhine, substituiu-o nas tarefas e iniciativas, completando o seu mandato à frente da “Fundation for Research on the Nature of Man” e na presidência da “Society for Psychical Research” - S. P. R., até o dia da sua desencarnação em Durham (Carolina do Norte, EUA), em 17 de março de 1983, aos noventa e um anos. Deixou por seu turno magníficas obras, versando sobre parapsicologia, que subsidiaram as que foram escritas pelo marido. Eis algumas obras da grande pesquisadora:

- “Hidden Channels of the Mind” (“Os Canais Ocultos da Mente”).
- “Mind Over Matter: Psychokinesis” (“Mente Matéria: Psicocinesia”).
- “Psi: What is it?” (Psi: O que é isto? “).
- “Something Hidden” (“Algumas coisas ocultas”).

Evolução das Pesquisas Parapsicológicas

A evolução dos estudos parapsicológicos compreende seis períodos históricos:

1. O período das investigações incidentais. Vai desde a Antigüidade até 1882, quando da fundação da SPR. Afirma Rhine que as investigações foram meramente incidentais, ainda que reconheça a qualidade dos experimentadores como Pierre Janet, Charles Richet, William F. Barret, William Crookes e outros não menos importantes.

2. O período das Sociedades de Investigações Psíquicas, em que se destacam as atividades desenvolvidas pela SPR, de Londres, Inglaterra.

3. O Período de transição, que vai de 1910 à 1930, quando se criaram em alguma universidade, departamentos de psicologia voltados para a pesquisa parapsicológica.

4. De 1930 à 1940, acontece a instalação definitiva de um centro universitário de investigação: o Laboratório de Parapsicologia da Universidade Duke.

5. O Período das análises psicológicas. Parte de 1940. Destacam-se as opiniões de parapsicólogos europeus, como o Dr. Robert Thouless, nas quais se afirma que a ESP está confirmada, e que a Parapsicologia deve dedicar seus esforços a avaliar a natureza das funções PSI e suas relações com a personalidade e demais fatores psicológicos⁴.

6. O Período de desenvolvimento em sentido racional. Corresponde à busca atual da Parapsicologia, tentando integrar seu objeto de estudo

⁴ PSI – Vigésima letra do alfabeto grego para designar o fator comum de toda experiência paranormal.

dentro do conjunto das ciências naturais, e de precisar seus métodos, leis e relações interdisciplinares.

A Função Psi Responde as Seguintes Características:

A - É independente do tempo e do espaço. Remonta ao passado e se projeta no futuro, assim como não é influenciada pela distância. É, pois, atemporal, acausal e inespacial.

B - É uma função normal e não patológica. Não existe nenhum indício de irregularidade mental nos sensitivos que apresentam apreciáveis capacidades paranormais.

C - A função PSI não é exclusiva do ser humano. Manifesta-se de diversas maneiras através da escala evolutiva dos seres vivos.

D - A função PSI é extrafísica e inconsciente. Os sensitivos não conseguem definir como obtiveram êxito nos experimentos e muito menos através de que sentiram ou perceberam. A presença de PSI, em si mesma, continua sendo inconsciente e, portanto, obscura.

E - A função PSI envolve um completo processo de intercomunicação extra sensorio-motor com o mundo exterior, mediante duas categorias de fenômenos essenciais: a percepção extra-sensorial (ESP) e a psicocinesia (PK). A ESP prende-se a situações em que um ser vivo recebe informações de outro (telepatia), ou capta informação referente à sua mundividência física (clarividência) ou conhece fatos futuros (precognição) ou passados (retrocognição). A PK inclui situações nas quais um sensitivo pode provocar modificações tanto em sistemas estáveis (como objetos metabólicos), sistemas em movimento (como o cair

dos dados) ou sistemas viventes (como os ritmos fisiológicos). Em certas ocasiões, a ESP e a PK parecem coexistir.

Telepatia

O vocábulo foi criado pelo Dr. Frederic Myers (1882) fundador da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres. Define uma forma de comunicação direta entre duas mentes, sem a participação de qualquer de nossos sentidos normais. Esse conceito engloba também a leitura do pensamento.

De todas as faculdades extra-sensoriais, a telepatia é provavelmente a mais popular. Já convive com a Humanidade há muito tempo.

As experiências com telepatia começaram a se tornar freqüentes em meados do século XIX, na esteira do interesse causado pelos fenômenos mediúnicos na Europa e nos Estados Unidos da América. Entretanto, dentre os vários pesquisadores dos fenômenos telepáticos, destacam-se os doutores Gilbert Murray, professor de grego na Universidade de Oxford e Joseph Banks Rhine. Este desenvolveu um método simples e eficaz para avaliar a capacidade de transmissão ou captação do pensamento de uma pessoa. Para isso, era necessário um baralho Zener, composto por 25 cartas divididas em cinco naipes, cada um deles identificado por desenhos simples - estrela, cruz, círculo, quadrado e ondas.

As experiências telepáticas mostram que o receptor da transmissão consegue melhores resultados se estiver relaxado e comodamente instalado, e essa foi a diretriz para algumas das mais interessantes pesquisas dos últimos tempos. Algumas delas envolviam a hipnose do receptor; outras o estado de sono. Uma terceira técnica, denominada ganzfield (foi seu criador o parapsicológico norte-americano Charles

Honorton), colocava o receptor sentado numa confortável poltrona no meio de uma sala à prova de som, com os olhos cobertos por vendas translúcidas e fones de ouvido que lhe transmitiam músicas suaves. O receptor recebia instruções para falar num microfone durante 35 minutos, descrevendo tudo que lhe passasse pela mente. Numa sala vizinha, um experimentador concentrava-se numa série de fotografias selecionadas ao acaso entre 31 existentes. Num dos testes, as fotos escolhidas mostravam edifícios e clubes noturnos de Las Vegas. A receptora, uma enfermeira de 28 anos chamada Ellen Messer, dizia ao microfone: “- Estou flutuando como que sobre uma paisagem. É surrealista ... Há toldos - toldos de clubes noturnos ... Vejo-os mesmo. É Las Vegas!”.

Ao longo da experiência, algumas características do fenômeno telepático puderam ser destacadas:

1. É preciso que o receptor da mensagem esteja confortável e relaxado.
2. A transmissão de eventos dramáticos tem chances maiores de êxito.
3. As chances de sucesso aumentam se o transmissor e o receptor forem parentes ou amigos.
4. É preciso não cansar o emissor e o receptor, moderando os testes. O tédio distorce a avaliação da faculdade telepática.
5. A atitude do emissor e receptor é importante: acreditar no fenômeno extra-sensorial é fundamental. O contrário, ocorre o insucesso.
6. O exercício constante, moderado, faz com que a habilidade telepática se aprimore.

Conquanto ainda se desconheça a essência de seu funcionamento, a telepatia será, sem dúvida, linguagem do futuro. Estudiosos russos acreditam que a telepatia será a única maneira possível de comunicação entre a Terra e os Cosmonautas instalados em outros planetas, já que a mensagem telepática é instantânea e não conhece barreiras.

Clarividência

O termo clarividência chega, por vezes, a confundir-se com o próprio conceito da percepção extra-sensorial. Normalmente, a informação paranormal chega ao clarividente através de visões, mas há também casos em que ela vem através de sons ou de odores. Modernamente, fala-se também de clari-senciência, ou seja, o ato de ser guiado, por uma forte intuição ou por mãos invisíveis geralmente para longe de situações de perigo.

A clarividência tem uma longa tradição na história de todos os povos do mundo, talvez por ser a experiência psíquica mais comum, é difícil encontrar alguém que não a tenha vivido, vez que outra. Estilo de vida ocidental, porém, interfere diretamente sobre essa manifestação, dificultando-a; daí por que os relatos de clarividência em nosso tempo são mais freqüentes em pessoas que moram fora dos grandes centros urbanos e nos povos cujo ritmo de vida difere do nosso.

Quando Rhine começou suas pesquisas parapsicológicas na década de 1930, curiosamente os resultados que ele obtinha em testes de clarividência eram baixos; entretanto, um estudante chamado Hubert Pearce encarregou-se de confirmar a existência do fenômeno. Filho de uma sensitiva, Pearce alcançava altas pontuações em seus testes com cartas Zener, e em certa ocasião acertou todas as 25 cartas do baralho. Confirmando, contudo, a idéia de que as tensões interferem negativamente

no desempenho paranormal, Pearce perdeu seus poderes, depois de receber algumas notícias preocupantes de sua casa, e nunca mais os recuperou.

Efeito de Deslocamento

Curioso fenômeno (a que os franceses deram o título de *déplacement*) que aconteceu durante os testes de clarividência (PES), foi o aparecimento de um “efeito de deslocamento”. As pessoas que participavam dos experimentos não acertavam a figura desenhada na carta, no momento adequado, mas, sim, a tirada anterior ou posteriormente...

Em “Fenômenos Psi e Psiquiatria”, Joseph B. Rhine analisa o fenômeno de *déplacement*, mediante criteriosas pesquisas realizadas, com sua brilhante equipe, no “Duke Parapsychology Laboratory”. O fenômeno consiste nas respostas com objetivos que se têm em vista. As respostas com objetivos, que precedem aqueles que se quer obter, são chamadas Pré-cognitivas (-1), (-2), (-3), assim como são chamadas Pós-cognitivas as posteriores (+ 1), (+ 2), (+ 3). Ou na definição de Rhine, é o estado em que o sensitivo, nas experiências de percepção extrasensorial, tem tendência para “acertar os alvos anterior e posterior daquele que visa”.

Clarividência Intencional

Se uma imagem pode ser naturalmente captada pela clarividência, é bem verdade que ela pode ser deliberadamente emitida.

O pesquisador William Jon Watkins, autor do livro “Manual de Experimentos Psíquicos”, denomina essa faculdade de “clarividência intencional”, e lembra que ela é a base dos trabalhos feitos pelos magos e feiticeiros. Três condições básicas são necessárias ao êxito do processo: 1) o emissor deve ter a firme vontade de enviar a mensagem; 2) a mensagem tem de ser clara e forte; 3) o transmissor deve visualizar o receptor

dormindo e acreditar que a mensagem chegará ao seu destino. A preferência de que o receptor deverá estar dormindo é porque esses trabalhos são habitualmente realizados à noite, relaxado, ele captaria mais nitidamente as imagens remetidas. As imagens enviadas ao receptor tanto podem ser benéficas, quanto maléficas. Afirmam os ocultistas que pode ocorrer o que chamam de a “lei do retorno”, segundo a qual as sugestões ou sortilégios maldosos que não obtiveram sucesso contra o receptor retorna, com força multiplicada, ao emissor... É o caso de “o feitiço virar-se contra o feiticeiro”.

Clariaudiência

Dentro da área englobada pela clarividência, destaca-se a clariaudiência. Audição paranormal de sons, como vozes, música, gemidos, etc. Ao que tudo indica, o som paranormal atua diretamente nossa audição mental (perispirítica) sem qualquer envolvimento com o órgão físico responsável por essa tarefa. Para que o fenômeno ocorra (e os parapsicólogos desconhecem) é necessária uma sutil emancipação do perispírito, chamado de duplo, corpo astral, etc.

Os exemplos de clariaudiência se acumulam ao longo da História. Conta-se que o filósofo grego Sócrates era aconselhado freqüentemente, por uma voz que ele denominava “Daimon” (Espírito). Joana D’Arc (1412-1431) ouvia vozes que a conduziram ao comando do Exército da França, chegando a bater nos ingleses e a coroar um novo rei francês, Carlos VIII.

O Famoso ilusionista norte-americano Harry Houdini se declarava terminantemente cético em relação aos fenômenos extra-sensoriais. Entretanto, trancafiado num cofre sob as águas congeladas do rio Hudson, em New York, só conseguiu encontrar a abertura no gelo que o levaria à

superfície, após ouvir a voz de sua mãe, morta, chamando-o na direção que ele devia seguir. Ninguém acreditou nele!...

Clari-Senciência

Em casos que tais soma-se à clariaudiência um impulso físico para que o sensitivo faça aquilo que realmente lhe está sendo recomendado. Um notável exemplo desse fenômeno ocorreu em dezembro de 1937, em Londres, Inglaterra: a jovem E. E. West perdeu seu anel de rubi enquanto lavava algumas peças de louça e, imaginando que o anel se fora pelo ralo da pia, desistiu de procurá-lo. No dia seguinte, porém, enquanto ela estava realizando a mesma tarefa, uma voz sussurrou em um de seus ouvidos: “- E o seu rubi?”. Sem refletir, ela respondeu automaticamente: “-Tudo bem, não é necessário preocupar-se com isso”. West então percebeu que não havia ninguém ali. Subitamente, é segura pelos ombros e virada para uma certa direção: ali, bem visível através de um raio de luz solar que entrava graças à porta entreaberta, estava o anel perdido no dia anterior.

Enquanto a clarividência é um fenômeno com características mais individuais (anímicas), a clariaudiência e a clari-senciência dependem de uma entidade posicionada ao lado do sensitivo.

Precognição

Precognição é o conhecimento de eventos antes que eles aconteçam. Geralmente, a informação precognitiva surge de maneira clara ao sensitivo, mas por vezes pode vir cifrada, num código nem sempre fácil de entender.

Ver o futuro, sempre foi um anseio da Humanidade; e, por isso mesmo, os exemplos dessa ainda misteriosa faculdade são numerosos e variados ao longo dos tempos. O historiador Suetônio conta que Júlio

César fora advertido por sua esposa Calpúrnia que deveria ter cautela, porque sonhou com ele apunhalado no Senado romano. César foi morto por Brutus, seu discípulo, com vários golpes de punhal.

Os sonhos são um instrumento freqüente para as atividades precognitivas, provavelmente porque é exatamente nesses momentos do sono - conhecidos como REM (sigla do inglês Rapid Eye Movement ou “movimento rápido do olho”) que o Espírito (re) encarnado encontra condição de manifestar-se com maior desenvoltura, um tanto e quanto livre das amarras que lhe impõe o consciente.

A Precogição em Estado de Vigília

Conquanto raros, os fenômenos de precogição em estado de vigília envolvem, por seu turno, casos surpreendentes. Um deles, relatado ao pesquisador Rodney Davis pelo Coronel Dawson, passou-se em 1932, quando o militar ainda era um capitão do exército inglês estacionado no Passo de Khyber, na Índia. Na noite de Natal daquele ano, Dawson pegou carona num caminhão que atravessaria o Passo até a cidade de Peshawar, onde pretendia passar sua folga de final de ano. No trajeto, porém, o militar foi sendo tomado progressivamente pela sensação de que algo de errado iria acontecer, e que um desastre ocorreria. Ele pediu ao motorista que o deixasse saltar, mas este argumentou que a estrada era perigosa para pedestres. Dawson insistiu e acabou descendo. Alguns minutos depois, pegou carona em outro caminhão que fazia o mesmo percurso. Cerca de 1,5 km depois, verificou-se que o primeiro veículo caíra de um despenhadeiro, e todos os seus ocupantes morreram. Dawson passou o dia de Natal transladando os corpos para Peshawar; quando finalmente chegou àquela cidade, foi saudado pelos colegas em homenagem a sua feliz e misteriosa escapada.

A Precognição de Natureza Mediúnica em Estado de Vigília

A esposa de um capitão de navio canadense chamado Godfrey, relatou que seu marido estava deitado num beliche da sua embarcação, prestes a zarpar, quando foi atingido por uma pilha de papéis que voou desde o outro lado do aposento. O capitão imaginou que seu companheiro de quarto estava fazendo uma brincadeira, mas quando se virou viu uma labareda de fogo saindo do centro do piso, com a altura aproximada de um homem. Uma voz que parecia vir da labareda disse-lhe então: “- Não vá neste navio, ou você estará perdido, se você não for, viverá até a velhice e morrerá em casa”. No dia seguinte, o homem recolheu seus pertences e saiu do barco. Com um novo capitão, o navio zarpou e nunca mais voltou. Godfrey ainda navegou por várias partes do mundo, e como o fantasma profetizou sua morte, foi em casa, já na velhice.

A Retrocognição

A fase reversa da precognição chama-se retrocognição, termo criado pelo pesquisador inglês Frederic W. H. Myers (Fundador da “Society for Psychical Research” - SPR) para designar o conhecimento do passado adquirido, paranormalmente, sem o concurso dos sentidos ou da memória de pessoas vivas.

Essa faculdade não atrai muito a atenção dos estudiosos, pois é difícil verificar a correção de certas experiências ou diferenciar a retrocognição legítima de um evento criado pela mente do sensitivo retidas em sua memória.

Provavelmente, por isso, que os exemplos de retrocognição não são tão numerosos nem possuem o interesse causado pelas experiências precognitivas; enquanto estes antevêm o futuro, as primeiras referem-se

a algo que já passou e poderiam ser aproveitadas eventualmente apenas como um recurso de pesquisa histórica.

A retrocognição começou a chamar a atenção dos pesquisadores com a publicação de um livro em 1911, sob o título: “A Aventura”. Nele, duas jovens inglesas, Miss Morison e Miss Lamont, relatavam que, numa visita ao majestoso palácio de Versalhes, perto de Paris (15 km), viram, como que ultrapassando as barreiras do tempo, os seus famosos jardins, em seu aspecto de há 200 anos (século XVIII), povoados por homens com trajes daquela época e graciosas mulheres que passeavam, despreocupadamente envergando luxuosos vestidos. As inglesas podiam “ouvir” as suas vozes e risos, bem como a música que uma pequena orquestra executava no “Petit Trianon”, lugar favorito da rainha Maria Antonieta, esposa do inditoso rei Luís XVI.

Outro caso de retrocognição foi vivenciada por duas mulheres inglesas na praia de Dieppe (França), em 1951. O relato das sensitivas era normalmente semelhante ao que aconteceu nas praias de Dieppe, em 19 de agosto de 1942 (segunda Guerra Mundial), quando, milhares de soldados aliados (anglocanadenses) foram mortos, na praia, pelas baterias de costa alemã.

A retrocognição também se relaciona às histórias de fantasmas: um dos exemplos disso, é um relato inserido no livro “Saw a Ghost”, do inglês Ben Noakes. O caso envolveu um casal que visitava uma casa no interior da Inglaterra. Ambos já estavam dormindo quando foram despertados pelo badalar de sinos e vozerio do lado de fora, além de rodas de madeira passando sobre o cascalho. O barulho era tanto que o casal se levantou e foi até à janela observar o que estava acontecendo. Viram, então, várias pessoas correndo, com lanternas na mão, e uma carroça carregada de água

puxada por cavalos. Os dois hóspedes não quiseram investigar o fenômeno, e voltaram para a cama. No dia seguinte, porém, contaram a história à sua anfitriã, que lhes assegurou que nada daquilo aconteceu durante a noite anterior, mas parecia combinar com a luta para se apagar um incêndio no estábulo que acontecera ali há centenas de anos...

O que explicaria eventos como a precognição e a retrocognição? No segundo caso, a resposta pareceu a mesma utilizada nos casos de psicometria - as cenas ficaram “gravadas” numa espécie de “memória” do ambiente, e tais gravações seriam captadas por sensitivos. Já a precognição é bem mais complicada. Certos autores chegam a considerar que tanto a retrocognição quanto a precognição são apenas faces de uma mesma moeda - a predestinação de eventos universais, incluindo-se os relativos a acontecimentos individuais. Essa idéia poderia ser correta, mas há evidências de que o “futuro” precognitivo pode ser mudado. Um exemplo disso foi vivido pela própria esposa de Joseph Banks Rhine.

Em certa ocasião, ela teve um sonho em que seu filho Hebert aparecia caído no chão do banheiro, sufocado. Como estudiosa dessa área Dra. Louisa anotou os detalhes das imagens e passou a acompanhar regularmente as atividades de Hubert enquanto estava em casa. Dois anos depois do sonho, a Dra. Louisa se preparava para sair quando o cantarolar de Hubert, no banheiro, cessou de repente. A pesquisadora forçou a porta do aposento e encontrou o filho caído no piso, sufocado pelo gás que saía do aquecedor. O socorro foi possível pelo alerta dado a Louisa dois anos antes, de maneira precognitiva; graças a ele, Hubert escapou de uma morte que seria certa em outras circunstâncias.

Psicocinese

A psicocinese ou psicocinesia (“movimento de objetos pelo psiquismo”), é um termo adotado mais recentemente em substituição a telecinese (“movimento de objetos à distância”) para explicar a ação da psique sobre os objetos físicos. Sob esta definição incluem-se variados fenômenos, como os que ocorrem em casas assombradas, as varinhas adivinhatórias (rabdomancia), os casos de levitação e os movimentos de matéria aparentemente sem contato com agentes físicos, como acontecem nos poltergeists!⁵

Jesus foi um dos mais extraordinários paranormais psicocinéticos de que se tem notícia. Entre seus efeitos constam as materializações de Espíritos (Moisés e Elias) no monte Tabor, à luz difusa das estrelas: conversão da água em vinho, a multiplicação dos pães e a caminhada sobre as águas do lago da Galiléia (levitação). Outros relatos a respeito, embora em menor grau, marcaram, indelevelmente, a saga da fenomenologia supranormal através do tempo, até o advento do Espiritismo, quando Kardec e os Espíritos tutelares da Codificação Espírita traçaram as linhas mestras de sua gênese e do seu mecanismo. O ilustre mestre de Lyon, abria as portas de um “mundo novo”, por onde transitariam, mais tarde, os corifeus da Metapsíquica, da Parapsicologia e da Psicotrônica.

Destarte, a partir de Kardec, a psicocinese atraiu o interesse de grandes pesquisadores dos finais do século XIX, que concluíram (como o Codificador do Espiritismo antes havia concluído) que o fenômeno

⁵ Poltergeist é uma palavra alemã que significa “Espírito brincalhão (Polter: brincalhão, ruidoso; geist: Espírito). Pode-se dizer Poltergeist é um conjunto de manifestações paranormais de natureza preponderantemente objetiva, todas elas ocorrendo de maneira espontânea, demonstrando, em determinados casos, intencionalidade e seletividade, o que caracterizaria a intervenção de um ser extracorpóreo.

psicocinético teria sua explicação plausível pela existência de um fluído (força psíquica, segundo Crookes ou ectoplasma segundo Charles Richet) que emanava do médium em direção ao objeto, envolvendo-o e motivando as suas energias aparentemente em estado de inércia. Daí, ocorreriam os movimentos. Não raras vezes, o fenômeno era supervisionado por entidades espirituais, caracterizando o seguinte: o fenômeno podia ter causa, através da ação exercida pelo agente psicocinético (médium) como, também, com o concurso de Espíritos, tendo como fúeiro o fluido desprendido pelo mesmo.

A fim de se comprovar a veracidade desse processo, construíram-se aparelhos especiais que foram utilizados por grandes pesquisadores que tentavam, desse modo, dimensionar a força psíquica que os sensitivos desprendiam e os seus efeitos sobre os objetos. Experiências comandadas pelo cientista inglês, William Crookes e pelo físico alemão Johann K. Friedrich Zollner alcançaram expressivos e surpreendentes resultados, que deram cabal prova da realidade da Psicocinesia. Crookes, a respeito escreveu a obra “Fatos Espíritas” e Zollner, “Física Transcendental”.

A época em que esses pesquisadores atuaram coincidiu com o surto de espiritualismo na Europa e nos Estados Unidos, com suas extraordinárias sessões de materialização, mesas girantes e outros fenômenos espetaculares. Entre os paranormais mais famosos e honestos figurava o britânico Daniel D. Home. No rol dos fenômenos que Home provocava, figuravam a levitação, movimento de objetos à distância e materializações parciais tais como mãos, pés, rostos, além de notáveis trabalhos em torno da penetração da matéria através da matéria, causando, no particular, verdadeiro assombro aos investigadores, especialmente Crookes e Alexander Aksakof.

Depois de Rhine, as pesquisas sobre a Psicocinesia caíram no esquecimento, para ressurgirem, surpreendentemente, na Rússia. Tais pesquisas tiveram início na década de 1960, com a sensitiva Nelya Mikhailova, conhecida, mais tarde, pelo pseudônimo de Nina Kulagina. Ela foi inicialmente investigada pelo Dr. Genady Sergeyev, da universidade de Moscou. Os experimentos revelaram que ela possuía extraordinária faculdade dermoótica (visão pelo tato com os olhos absolutamente vendados) e a cura pela imposição das mãos.

O Dr. Sergeyev testou Kulagina, quanto à faculdade psicocinética. Os resultados foram maravilhosos. Usando a sua força psíquica, a sensitiva russa movia objetos sobre a superfície de uma mesa, alterava os ponteiros de uma bússola e provocava combustão numa pilha de fósforos. Ela chegou a ponto de separar a clara da gema de um ovo, que fora mergulhado numa solução salina, após ter sido quebrado. Certa feita, ao focalizar o coração de um sapo, fê-lo parar de bater.

A realização desses extraordinários fenômenos psicocinéticos resultou em graves distúrbios no organismo de Kulagina. Os esforços despendidos elevavam a sua pulsação para 200 batidas por minutos, pondo a pressão sanguínea em condições de perigo. Por tais motivos, ela infelizmente abandonou as pesquisas por recomendação médica. Após Kulagina, surgiu, na Rússia, outra brilhante Paranormal de psicocinesia - Allá Vinogradora, esposa do célebre parapsicólogo moscovita Victor Adamenko. Numa de suas experiências, Vinogradora fez um pêndulo de 10 gramas rodar, deslizar e girar como se fosse a agulha de uma bússola. Alguns testes, por fim, mostraram resultados curiosamente inversos aos obtidos por Kulagina: enquanto esta atraía, para si, os objetos, Vinogradora fazia com que eles se distanciassem dela, impulsionados às vezes, com lentidão e às vezes, com certa e súbita violência.

A interpretação dessas ocorrências paranormais espontâneas varia muito, dependendo do ponto de vista do observador. Se estão ligadas a um determinado local, são chamadas “Fenômenos de Assombração”. Se estão ligadas a certas pessoas, são chamadas “Poltergeist” ou “Psicocinesia Recorrente Espontânea”. Esta última designação foi dada por investigadores norte-americanos por considerarem-na um tipo espontâneo de Psicocinesia (maiores esclarecimentos sobre o assunto em pauta, vide “Fenômenos da Psicocinesia Espontânea”, do Dr. Carlos Alberto Tinoco). Entretanto, alguns pesquisadores admitem que os Poltergeist seriam resultantes da exteriorização das energias psíquicas acumuladas no psiquismo dos sensitivos, especialmente jovens.

Eis o que ela declarou aos jornalistas norteamericanos, Henry Gris e William Dick:

“Eu apenas penso no objeto e que ele deve mover-se. Concentro-me nisso. Tenho de sintonizar-me com o objeto. Sinto como se alguma forma de energia estivesse emanando de minhas mãos e dedos”. E realmente estava: era o ectoplasma⁶. O fenômeno tem suas explicações nas obras da Codificação do Espiritismo e nos resultados dos trabalhos realizados pelo Professor Oliver Lodge, Paul Gibier, Alexander Aksakof, Albert De Rochas, Ernesto Bozzano, entre outros destacados investigadores da fenomenologia paranormal.

No enalço da tradição de Kulagina e Vinogradora, a soviética Djourna Davitaschvili vem realizando magníficos trabalhos psicocinéticos. Alguns nomes também se destacam nessa área, no

⁶ Ectoplasma: substância conhecida dos alquimistas do século XVII, assim como de Emmanuel Swendenborg. Paracelso denominou ectoplasma de “Misterium Magnum”. Por sua vez, o Dr. Charles Richet (fundador da Metapsíquica) trata do ectoplasma na obra “Annals of Psychical Science”.

Ocidente, entre eles Uri Geller, Ingo Swan e o inglês Matthew Manning. A curadora americana Olga Worrall (já falecida), foi capaz, em condições de laboratório, de interferir no crescimento e na faculdade de mover-se de uma cultura de bactérias; e fez com que uma planta, localizada a cerca de 1000 km de onde estava, crescesse 83% mais rápido que o normal. Uma possível rival de Uri Geller, a jovem espanhola Mônica Nieto Tejada, está sob testes científicos que poderão confirmar outros extraordinários exemplos de psicocinesia.

Descobrir e desenvolver os poderes psicocinéticos é, mais do que nunca, uma tarefa que escapa ao domínio da racionalidade e da lógica humanas, para projetar-se no plano ainda enigmático do imponderável.

Visão Indireta

O termo visão indireta, ou visão a distância, foi criado pelos físicos americanos Harold Puthoff e Russel Targ, da universidade de Stanford (USA), para designar a habilidade de ver a distância um local previamente determinado pelos orientadores da experiência. Puthoff e Targ chegaram a essa definição após uma série de experiências que principiaram com célebre sensitivo americano Ingo Swan. Convidado pelos pesquisadores, Swan lhes propôs testes com sua visão a distância, e Puthoff e Targ elaboraram o seguinte experimento: selecionaram um lugar no mapa, forneciam a Swan algumas coordenadas geográficas e lhe pediam uma descrição do local.

Os resultados foram além da expectativa: Swan acertou em todos os testes, superando, inclusive, o mapa usado por Puthoff e Targ: enquanto os pesquisadores imaginavam ter escolhido um ponto no meio do Lago Vitória, na África, Swan traçando um mapa mais detalhado, mostrou que o local selecionado era uma ilha. Após experiências com Swan e outro

notável paranormal chamado Patrick Price, os pesquisadores resolveram verificar se pessoas com pouca ou nenhuma capacidade paranormal poderiam ter êxito no desenvolvimento da visão indireta - e os resultados, mais uma vez, foram amplamente positivos.

Uma das marcantes características das experiências foi a nítida ocorrência de eventos de clarividência ou telepatia. Alguns sensitivos descobriam detalhes do local selecionado que não haviam sido notados pelos pesquisadores ali presentes.

Houve, também, casos de precognição, como o da fotógrafa Hella Hammid, que descreveu o ponto selecionado cinco minutos antes de ele ter sido sorteado. Por isso, Puthoff e Targ consideraram que as tradicionais classificações dos fenômenos extrasensoriais não se reportam precisamente ao funcionamento de nossa psique, mas sim ao tipo de teste a que se submete.

Os dois físicos americanos estabeleceram regras simples para o desenvolvimento da visão à distância. Ei-las:

1. Diga somente o que você vê.
2. Observe, com extremo cuidado, as Imagens que passam, rapidamente, em sua tela mental.
3. Quando possível, desenhe as imagens que você está captando.
4. Não se inquiete se as imagens parecem incoerentes.
5. Não tente observar muitas coisas simultaneamente, por isso pode confundi-lo.
6. Em sua experiência, limite o tempo a 15 ou 20 minutos.

Deslize Temporal

“Apesar das tentativas de Explicação, tempo/espaço continuam como enigmas que talvez nunca sejam totalmente compreendidos”.

- Um deslocamento repentino e de curta duração para um momento que não pertence ao presente. A característica mais notável relatada por pessoas que afirmam ter tido esse tipo de experiência é a aparente normalidade do mundo anacrônico em que entram. As pessoas (ou imagens de pessoas) que vêm por lá não são percebidas como espectros insubstanciais, mas parecem, pelo menos temporariamente, tão sólidas quanto o observador. Os parapsicólogos afirmam que é comum esses sensitivos que experimentam um DESLIZE TEMPORAL pensarem que entraram por acaso em uma festa à fantasia ou em algum set de filmagem.

Na realidade, a visão simples e linear do tempo adotada pela maioria de investigadores da estrutura do tempo – que presente é aqui e agora, que o passado acabou e o futuro ainda está por vir - nunca foi aceita por muitas culturas orientais. Estes vêem o tempo como um ciclo em perpétua renovação e não como uma progressão em linha reta. Atualmente, a noção popular de tempo, a direta, começa a ser desafiada pela ciência. Os cientistas descobriram que, tanto no nível subatômico como no cósmico, há fenômenos físicos que só podem ser explicados se o tempo não for absoluto, e sim relativo; se ele não for uma dimensão separada, mas parte de um continuum de espaço/tempo que pode ser dobrado, acelerado, atrasado e, talvez, detido. Algumas idéias que eram outrora descartadas como ridículas – tais como a viagem no tempo – são agora discutidas como possibilidade teórica. Os físicos já exploram a hipótese de que o tempo possa ser revertido. A natureza, descobriram, é indiferente à direção do tempo. Pode-se até colocar um sinal de menos no tempo em qualquer lei

básica da física e ela continuará descrevendo algo possível na natureza. Essas descobertas suscitam possibilidades fascinantes para os investigadores da paranormalidade. Aparições e desaparecimentos misteriosos, coincidências esquisitas, relatos de visões espirituais e até a rabdomancia – tudo isso assume um novo significado para os pesquisadores da paranormalidade quando é analisado à luz do que os cientistas descobriram sobre espaço/tempo. Até mesmo o déjà vu – a sensação de que você já passou antes por determinada experiência – está sendo reexaminado sob o novo prisma de espaço/tempo.

As perguntas se acumulam tão velozmente quanto as possibilidades. Por exemplo: se o passado e até mesmo o futuro são acessíveis por meio de DESLIZES TEMPORAIS, retro ou precognitivamente, será que o observador do presente muda de fato o passado ou o futuro?

John Gribbin, em *Spacewarps*, Nova York, 1983, observa que existe uma relação direta entre os incidentes de precognição em vigília ou em sonhos e a nova compreensão do tempo/espaço pela ciência. Admite, por exemplo, que o tempo não avança ao passo regular indicado por nossos relógios e calendários, mas pode ser desdobrado e distorcido, resultando em um valor relativo que depende do ponto de vista do observador. Observa, ainda, que objetos superconcentrados no espaço – tal como se pensa que são buracos negros – podem negar interinamente o tempo, fazendo com que ele se detenha em suas vizinhanças. Além disso, de acordo com Gribbin, alguns físicos afirmam ter detectado partículas que de fato se movem para trás no tempo.

Para Gribbin, essas anomalias têm efeito direto sobre a mente humana “As formas de que alguma forma de processo mental mal compreendido é capaz de causar um curto-circuito no ‘fluxo causal’

normal do tempo, e de que tal processo é extremamente eficaz para proporcionar sonhos precognitivos a alguns de nós, são hoje em dia inelutáveis”, escreveu ele em seu livro *Deformações do Tempo*, publicado em 1979. Em alguns casos, assevera ele, esses vislumbres precognitivos do futuro podem representar ressonâncias misteriosas entre mentes individuais, separadas no tempo, mas ainda capazes de trocar informações detalhadas sobre ocorrências específicas. Essas ressonâncias poderão, um dia, solucionar enormes mistérios. Gribbin especula, por exemplo, que a obsessão da Humanidade com as viagens extraterrestres e contatos com outros seres no espaço podem ser, na verdade, um vislumbre precognitivo do dia em que realmente esses contatos serão feitos.

Ensaio de uma Crítica da Vida

Se a inteligência dos vivos fosse capaz de produzir levitações, tornar os tecidos incombustíveis, falar línguas e discorrer sobre temas que jamais aprendeu, premonir acontecimentos próximos, compor obras de arte comparáveis aos grandes mestres, criar fantasmas de seres reais etc, haver-se-ia de atribuir ao Homem poderes quase divinos.

O prof. Charles Henry, no seu livro *O HOMEM DEPOIS DA MORTE*, citado pelo pesquisador Faure da Rosa, não teve dúvidas em proclamar: A morte de modo nenhum implica a perda da consciência e da personalidade.

Maurice Blondel, que escreveu *ENSAIO DE UMA CRÍTICA DA VIDA*, por sua vez admite: a inteligência não carece de integridade cerebral para se manifestar. O Dr. Agostinho Iturricha, em discurso da sociedade Antropológica de La Plata, comunicava que um jovem de 14 anos, tratado pelo Dr. Fernando Ortiz, morrera no pleno uso de suas faculdades intelectuais, apesar de ter a massa encefálica completamente

destacada do bulbo raquidiano, nas mesmas condições que as de um homem realmente decapitado.

Na necropsia que fizeram no cadáver, com a maior estupefação dos cirurgiões, descobriu-se que as meninges estavam cheias de sangue e que um abscesso ocupava o cerebelo, uma parte do cérebro e a protuberância cerebral. No entanto, o jovem pensava como qualquer pessoa saudável algum tempo antes de morrer.

LES ANNALES DES SCIENCES PSYCHIQUES de 1917 referem-se a um caso curioso apresentado por Edmond Perrier à Academia de Ciências de Paris acerca de uma observação do Dr. L. J. Robson: um homem viveu um ano sem sofrimento, sem nenhuma perturbação aparente, pensando, portanto, apesar de ter o cérebro que não era mais que um enorme abscesso purulento.

Um só desses casos, segundo Henri Bergson (1859-1941), autor de ENSAIOS SOBRE OS DADOS IMEDIATOS DA CONSCIÊNCIA, citado por Charles Richet, devia ser bastante para demonstrar que a inteligência funciona independentemente da integridade do cérebro. Também para Bergson, ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 1927, cérebro e consciência correspondem-se porque ambos medem-se um pela complexidade da sua estrutura e a outra pela veemência da sua atividade, o quantitativo de seleção de que o ser vivo dispõe. Mas esta correspondência nada tem de equivalência nem de paralelismo, precisamente porque um estado cerebral exprime, simplesmente, o que nele há de ação incipiente no estado psicológico correspondente; o estado psicológico excede infinitamente o estado cerebral.

De uma maneira mais simples, mais clara e probatória segundo Faure da Rosa: A consciência de um ser vivo é solidária com o seu cérebro

da mesma maneira que uma faca pontiaguda é solidária com sua ponta; o cérebro é a ponta acerada por onde a consciência penetra o tecido compacto dos acontecimentos, mas não é co-extensivo à consciência que a ponta é da faca.

Ainda é H. Bergson que reconhece de uma maneira precisa que o cérebro não é mais que um instrumento de ação.

O cérebro não determina o pensamento; por conseguinte, o pensamento, em grande parte, pelo menos, é independente do cérebro. O cérebro é um órgão de pantomia. O seu papel é mimar a vida do Espírito... O Espírito ultrapassa o cérebro e a atividade cerebral corresponde, apenas, a uma ínfima parte da atividade mental. Isto quer dizer também que a vida do Espírito não pode ser efeito da vida do corpo, que tudo se passa ao contrário como se o corpo fosse, simplesmente, utilizado pelo Espírito e que, portanto, nenhuma razão temos de supor que o corpo e o Espírito estejam inseparavelmente ligados um ao outro.

Entre outros testemunhos, Maurice Blondel cita o caso de Claude Bernard, autor da consultadíssima INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA MEDICINA EXPERIMENTAL:

Dizer que o cérebro segrega o pensamento equivale dizer que o relógio segrega a idéia de tempo. O cérebro e o relógio são mecanismos, um vivo, o outro inerte: eis toda a diferença.

Uma lâmpada elétrica ilumina com energia que atua o filamento metálico da ampola... - exemplifica Blondel. Se esta ampola se quebrar, a luz extingui-se. Segue-se daí que a corrente deixou de existir? A prova de que existe é que uma nova lâmpada intacta, ajustada, iluminará imediatamente.

Dá-se o mesmo com a inteligência: é uma força, uma corrente espiritual que ilumina o nosso cérebro. Se o cérebro morrer, segue-se, daí, que a corrente que fazia atuar deixou de existir?

Para Edmond Wietrich, o Espírito não pode conceber-se fora de suas manifestações, de suas múltiplas formas de atividade. É sinônimo de pensamento, de consciência, de liberdade. O corpo é o indispensável veículo da alma; é a sua mecânica. O corpo permite que a alma tenha uma consciência nítida de si mesma; é amálgama de estanho que faz da alma um espelho mágico.

Sem ele, a alma regressaria à noite do Inconsciente!

A Visão Anímica

Segundo Allan Kardec, os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Há os que gozam dessa faculdade em estado normal, perfeitamente acordados, guardando lembrança preciosa, do que viram, outros só possuem em estado sonambúlico ou aproximado ao sonambulismo. Incluem-se na categoria de médiuns videntes todas as pessoas dotadas de dupla vista. A possibilidade de ver os espíritos em sonho é também uma espécie de mediunidade, mas não constitui propriamente a mediunidade de vidência.

O médium vidente acredita ver pelos olhos, como os que têm dupla vista, mas na realidade é a alma que vê, e por essa razão eles tanto vêem com os olhos abertos ou fechados⁷.

⁷ A vidência propriamente dita independe dos olhos materiais, porque é uma visão anímica, a alma vê fora do corpo. É o que a Parapsicologia acha de “percepção extra-sensorial”. A dupla vista se manifesta sempre como um desdobramento da visão normal.

Devemos distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras ocorrem com mais freqüência no momento da morte de pessoas amadas ou conhecidas que vem advertir-nos de sua passagem para o outro mundo. Há numerosos exemplos de casos dessa espécie, sem falar das ocorrências de visões durante o sono. De outras vezes são parentes ou amigos que, embora mortos há muito tempo, aparecem para nos avisar de um perigo, dar um conselho ou pedir ajuda é sempre a execução de um serviço que ele não pôde fazer em vida ou o socorro das preces.

Essas aparições constituem fatos isolados, tendo um caráter individual e pessoal. Não constituem, pois, uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos freqüente, de ver os Espíritos que se aproximam, mesmo que estranhos. É a faculdade que define o médium vidente.

Entre os médiuns há os que vêem somente os Espíritos evocados, podendo descrevê-los com minuciosa exatidão. Conseguem descrevê-los nos menores detalhes dos seus gestos, da expressão fisionômica, os traços característicos do rosto, as roupas até mesmo os sentimentos que revelam. Há outros que possuem a faculdade em sentido geral, vendo toda a população espírita do ambiente ir e, poder-se-ia dizer, entregue a seus afazeres

Kardec ainda em “O Livro dos Médiuns”, relata o seguinte e singular episódio.

“Assistimos, certa noite, a representação da ópera Óberon ao lado de um excelente médium vidente. Havia no salão grande número de lugares vazios, mas muitos estavam ocupados por Espíritos que pareciam escutar as suas conversas. No palco se passava outra cena: por trás dos

atores muitos Espíritos joviais se divertiam em contracená-los, imitando-lhes os gestos de maneira grotesca. Outros, mais sérios pareciam inspirar os cantores, esforçando-se por lhes dar mais energia. Um desses mantinha-se junto a uma das principais cantoras. Julgamos as suas intenções um tanto levianas e o evocamos após o baixar das cortinas. Atendeu-nos e reprovou o nosso julgamento temerário. Não sou o que pensa - disse - sou o seu guia protetor, cabe-me dirigí-la. Após alguns minutos de conversação bastante séria, deixou-nos dizendo: - Adeus. Ela está no seu camarim e preciso velar por ela.

“Evocamos depois o Espírito de Weber, autor da peça e lhe perguntamos o que achava, da representação - não foi muito má, - respondeu - mas fraca. Os atores cantam, eis tudo. Faltou inspiração. Espera - acrescentou - vou tentar insuflar-lhes um pouco do fogo sagrado! Víamo-lo, então, sobre o palco, pairando acima dos atores. Um eflúvio parecia se derramar dele para os intérpretes, espalhando-se sobre eles. Nesse momento verificou-se entre eles uma visível recrudescência da energia”...

Kardec conta, em seguida, outro caso:

*“Assistíamos a outra representação teatral com outro médium vidente. Conversando com um **Espírito espectador**, disse-nos ele: Estás vendo aquelas duas senhoras sozinhas num camarote de primeira? Pois bem, vou me esforçar para tirá-las do salão. Dito isso, dirigiu-se ao camarote das senhoras e começou a falar-lhes. Súbito as duas, que estavam muito atentas ao espetáculo, se entreolharam, parecendo consultar-se, e a seguir se foram, não voltando mais. O Espírito nos fez, então, um gesto gaiato, significando que cumprira a palavra, mas não podemos rever para pedir-lhes maiores explicações”.*

Muitas vezes somos assim testemunhas (visuais) do papel que os Espíritos exercem entre os vivos. Observamo-lo em diversos lugares de reunião: em baile, concertos, sermões, funerais, núpcias etc, e em toda parte os encontramos atizando as más paixões, insuflando a discórdia, excitando as rixas, motivando os apetites sexuais e rejubilando-se com suas proezas. Outros, pelo contrário, combatem essa influência perniciosa, mas só raramente são ouvidos...

A faculdade de ver os Espíritos é uma dessas faculdades cujo desenvolvimento deve processar-se naturalmente, sem que se provoque.

Os médiuns videntes, finaliza Kardec, são raros e deve ter muitas razões para submetê-los ao crivo da observação. É prudente não lhes dar fé senão mediante provas positivas. Não nos referimos - sentencia Kardec - aos que alimentam a ridícula ilusão dos Espíritos - glóbulos⁸.

O Corpo Sutil da Alma

A idéia da existência do perispírito remonta à Antigüidade. Os sacerdotes egípcios chamavam “Ka” a esse envoltório fluídico da alma. Figura, também, na Bíblia com a denominação de “nephesh”. Lê-se, no Gênesis (Cap. II, Versículo 7), na tradução dos hebreus:

“O Senhor Deus uniu a seus órgãos materiais (do homem) a alma inteligente (ou eu) ‘nichema’, inspirando o sopro da vida, ‘ruach’ (que a segue em todas as vidas) e o traço de união da alma e do corpo grosseiro foi um sopro vital: ‘nephesh’.”

⁸ O exame de alguns efeitos óticos deram origem ao estranho sistema Espíritos glóbulos. Esses efeitos óticos são considerados, por algumas pessoas, Espíritos. Afirmam que eles os acompanham: vão para direita e para a esquerda, para cima e para baixo, conforme elas movem a cabeça.

A distinção dos três elementos constitutivos do corpo é também encontrada no livro de Job (Cap. XXVII, Versículos 2 e 3) da Bíblia hebraica:

“E Deus diferiu o julgamento do culpado, afligindo-o no seu Espírito terrestre (nephesh), porque a alma (nichema) está eternamente unida ao Espírito divino (ruach).”

No livro de Isaías (Cap. LVII, Versículo 16), onde se encontra o emprego simultâneo das mesmas expressões:

“A alma sairá de minhas mãos e eu lhe darei um ‘nephesh’ que a unirá ao corpo na sua encarnação.”

Na Grécia, Hesíodo fala no corpo fluídico quando descreve a vida das almas. E os hinos órficos aludem 38 às almas envoltas num corpo etéreo impregnado das manchas horrendas de todas as faltas cometidas, sendo necessário, para apagá-las, que elas retornem à Terra.

O perispírito é o “linga-sharira” dos hindus, o “kaleb” dos persas, o “akasa” dos brâmanes, o “ochema” dos gregos, o “enormon” (Hipócrates), o “carro sutil da alma” (Pitágoras), O “mediador plástico” (no sistema de Cudworth), o “Organismo sutil” (Leibnitz), o “influxo físico” (Euler), o “corpo aromal” (Fourrier). a “idéia diretriz” (Claude Bernard), o “corpo sidério” (Paracelso), o “somod” (nas investigações de H. Baraduc), o “somatoid” (de Platão, no Fedon), o “metaorganismo” (Heillenbach), o “fluido nervoso” (da vidente de Prevost), o “fluido magnético” (Mesmer), o “azoth” (dos alquimistas), o “corpo psíquico” (de Dupuy), o “corpo metafísico” (Carl du Prel), o “duplo etéreo” (dos teósofos e de Fichte), o “corpo glorioso” (conhecido dos cristãos primitivos).

Há outros sinônimos - veículo etéreo, invólucro fluídico, corpo magnético, corpo mágico, fantasma sideral, dupla personalidade, corpo transcendental, corpo radiante, corpo da ressurreição, corpo luminoso, corpo sutil, corpo brilhante, corpo fantástico, psicossoma, corpo vital, corpo astral.

Nas páginas do meu livro PERISPÍRITO: NATUREZA, FUNÇÕES E PROPRIEDADES, você, leitor, encontrará vasto material sobre o que é o perispírito, suas funções, propriedades e importância fundamental para o Processo da Vida, em suas específicas dimensões...

Do Magnetismo à Bioenergia

Os fenômenos do magnetismo, seus processos e sua teoria atravessaram os séculos, no meio de grandes vicissitudes; porém, apesar das perseguições religiosas, encontramos-os quase intactos na época da Renascença (séculos XV e XVI).

Os meios e processos empregados no magnetismo, desde a mais remota antiguidade, são os mesmos que foram redescobertos pelos magnetizadores modernos. Contudo, é inquestionável que os antigos conheciam melhor do que nós a prática e a teoria. Para eles, os diversos ramos da Ciência eram inseparáveis. O magnetismo estava unido estreitamente à Astrologia. Depois do nascimento do Cristianismo, o único que conservou unidos esses dois ramos foi Paracelso (Aerolus Theophrastus ou Philippus Theopastus Bombast von Hohenheim, Suíça, 1493 - Salzburg. 1541) - O magnetismo de Paracelso é a vida universal. Para ele tudo é vivente: a vida, que existe nos metais, como nas plantas, pode ser transmitida destes ao homem. A palavra magnetismo provém dele, que comparou a força emitida pelo homem à atração que o imã (magnete), exerce sobre o ferro.

Colene, tradutor em francês e comentador dos Arquidoxos de Paracelso e autor de várias obras herméticas, denomina os homens e os animais “ímãs animados”. É sempre nesse sentido que os antigos entendiam o magnetismo e o entendem os magnetizadores modernos. Depois de Paracelso, os seus discípulos continuaram o trabalho do mestre, porém, praticamente às escondidas, devido às perseguições dos religiosos e dos médicos. Quase três séculos depois, Mesmer adquiriu um grande renome pela popularização e simplificação dos processos desenvolvidos por Paracelso e seus discípulos. Apesar das suas pretensões, Mesmer, na verdade, não foi descobridor do magnetismo, como provam documentos reunidos pelo Dr. F. Hoeffler e a análise publicada por Rouxel, na sua “Histoire et Philosophie du Magnétisme”. Lendo os vinte e oito (28) algarismos de Mesmer, publicados em 1779, observa-se que não faz mais do que resumir as teorias de Paracelso. Muito antes dele, Kircher (Athanasius Kircher, 1601 - 1680) e Maxeel (morto em 1560) empregavam a denominação de “magnetismo animal” no mesmo sentido.

Em fevereiro de 1778, Mesmer chegou a Paris onde foi mais bem recebido do que em Viena (Áustria). Nessa cidade, recebeu mais de duzentas e quarenta mil libras para revelar todo o segredo, porém, não cumpriu a palavra. Aos numerosos discípulos deu apenas algumas indicações sobre a prática. O conde de Avaux, Bergasse, Durval d'Espremesnil e Deslon, seus discípulos mais chegados, puseram-se a publicar sobre as revelações que Mesmer tinha feito e a fazer conferências públicas sobre magnetismo. Foi em vão que Mesmer procurou impedir que sua “descoberta” se propagasse e caísse no domínio público. Mesmer então publicou um opúsculo em que firmava, em termos energéticos, a sua repulsa ao que ele considerou uma traição. Em seguida, desgostoso, partiu para a Inglaterra, onde não alcançou o êxito que esperava. Os ingleses

eram, à época, refratários ao mesmerismo. Após o fiasco na velha Albion, Mesmer passou para a Alemanha, onde desencarnou em 5 de março de 1815. Mesmer parece ignorar os efeitos morais e intelectuais do magnetismo. Nada disse ou escreveu sobre o sonambulismo e outras fases do sono magnético: só fala de seus efeitos físicos na cura das doenças. O marquês de Puységur e seu irmão, o conde de Chastenet, foram os discípulos de Mesmer que descobriram, em 1783, os principais fenômenos do sonambulismo.

Lendo as duas “Memórias” do marquês de Puységur publicadas em 1874, observa-se que o autor descobriu:

1. o isolamento do paciente;
2. sua relação com o magnetizador, por meio dele, com outras pessoas;
3. a transmissão de sensações e de pensamentos;
4. a influência da vontade do magnetizador sobre o magnetizado;
5. extensão e limite dessa influência;
6. a faculdade de ver as doenças e administrar remédios;
7. a faculdade de ver através de corpos opacos;
8. a faculdade de ver o futuro.

Charles Villers, autor de várias obras notáveis, publicou em 1787 seu “Magnetism Amoureux”, que apesar de seu estilo romanesco, é um extraordinário tratado de metafísica e de magnetismo. Nessa mesma época, os discípulos de Emanuel Swedenborg praticaram o magnetismo

espiritualista. Para estes, todas as doenças, sem exceção, têm uma causa espírita e o remédio deve ser também espiritual. Entre os swedenborguianos, destaca-se a figura do Cavaleiro de Barbarin, que fundou, em Lyon (França), uma escola de Magnetismo Espiritualista. Em 1808, F. Pétetin, médico em Lyon, publicava o seu livro sobre a “Eletricidade Animal”, em que se defende de ser magnetizador e se atribui a descoberta dos fenômenos físicos e morais da catalepsia, que eram conhecidos há muito tempo.

Em 1813, François Deleuze publica a sua “História do Magnetismo”, procurando persuadir os cientistas e apresentando, para isso, só os fatos mais aceitáveis. Escreveu ainda, numerosos artigos, uma “Instrução Prática sobre o Magnetismo Animal” e uma “Memória sobre a Faculdade de Previsão”. Com as publicações das obras de François Deleuze, o magnetismo teórico e prático ficou definitivamente estabelecido. Na mesma época de Deleuze, L. Lausanne publicava a obra, sempre consultado pelos tratadistas da problemática do magnetismo. “Elementos de Magnetismo Animal e dos princípios e processos do Magnetismo Animal”. Enquanto isso, A. J. Dalloz apareceu com seus “Discursos sobre os Princípios Gerais da Teoria Vegetativa e Espiritual da Natureza” (1818), “Analogias Principais da Natureza” (1822) e “Entretenimento sobre o Magnetismo Animal”(1823). Nestas três obras, o autor apresenta fatos e experiências que, naquela época, mereceram-lhe o epíteto (de parte dos detratores) de “exaltado”. Na verdade, os experimentos do Dr. Dalloz servem, na atualidade, àqueles pesquisadores sérios e dedicados, para estabelecer os pródromos do processo pertinente à bioenergia.

A Teoria dos Fluidos

Afirma o professor J. H. Pires em seu livro “MEDIUNIDADE”, da Edicel, que “a teoria dos fluidos tem provocado divergências entre os cientistas e os espíritas”. Acrescenta que se criou uma prevenção contra a palavra ‘fluido’, propondo-se modificações na terminologia. Houve até, e em nome da Ciência, quem negasse a existência de estados imponderáveis da matéria. Há quem pretenda usar os vocábulo ‘energia’ ou ‘bioenergia’ em vez de fluido. Esclarece, a propósito, o Dr. Carlos Toledo Rizzini (“FRONTEIRAS DO ESPIRITISMO E DA CIÊNCIA” - LAKE): “... fluidos são formas de matéria, conquanto rarefeitas e insensível. Energia (do grego ergon: trabalho) é a força em ação, capaz de produzir trabalho; energia muscular, elétrica, hidráulica, eólica (do vento), atômica...” E conclui: Fluido é o substantivo concreto, algo que sempre existe e é manifesto. Energia pode ser abstrata se o corpo que a possui não estiver em movimento.

Atualmente, entretanto, a situação é favorável às postulações espiritistas, que vieram se firmando a partir do trabalho de William Crookes, seguido das experiências espíritas de Alfred R. Wallace, de Beattie e de A. Aksakof, que identificaram, fotografados, os estados da matéria invisível que possibilitam a produção dos fenômenos espirituais.

Ao lado desses eminentes pesquisadores, destacam-se as figuras de H. Baraduc, do Comandante Darget, cujas investigações laboratoriais evidenciaram a emanção dessas forças materiais de todos os corpos, sobretudo dos corpos vivos; e os clichês obtidos testemunham, inequivocadamente, a existência desses fluidos.

“Já podemos pensar em termos de fluidos sem cometer nenhuma heresia científica” - sentencia o professor J. H. Pires.

Confirma-se, destarte, o ensino dos Espíritos, através de laboriosas insuspeitas pesquisas desenvolvidas por homens de ciência que não professam a Doutrina Espírita. Quando muito, alguns se consideram metapsiquistas ferrenhos, refratários aos princípios espiritistas.

Adverte, em boa hora, o Dr. Gabriel Delanne (“A ALMA É IMORTAL”):

“É necessário que o público, ao ouvir-nos falar de fluidos, se habitue a não ver nessa expressão um termo vago, destinado a mascarar a nossa ignorância. É necessário fique ele bem persuadido de que estamos constantemente mergulhados numa atmosfera invisível, intangível pelos nossos sentidos, porém tão real, tão existente quanto o próprio ar”. É, basicamente, o plano espiritual. Com ele entramos em relação por meio do nosso organismo fluídico, porque possuímos um perispírito, possível se nos faz atuar sobre esse mundo invisível.

Finalmente, Gabriel Delanne, na obra supracitada, recomenda que se proceda a um estudo metuculoso dos fluidos para a compreensão dos fenômenos espirituais. De fato, sem um acurado estudo dos fluidos, fica realmente difícil entender o seu processo. Mas, como proceder a esse estudo?

Kardec, em “A GÊNESE”, livro quinto da Codificação, afirma que os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam a nossos instrumentos de análise e à percepção de nossos sentidos, feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. Há alguns que pertencem a um meio de tal modo diferente do nosso, que não podemos imaginá-los senão mediante comparações tão imperfeitas quanto aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer idéia da teoria das cores.

Mas, dentre esses fluidos alguns estão intimamente ligados à vida corpórea e, de certo modo, pertencem ao meio terrestre. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, do qual nada pode dar uma idéia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, existem inúmeras transformações, que mais ou menos se aproximam de um ou de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, por conseguinte os menos puros, compõem o que se pode chamar de atmosfera espiritual terrestre. É deste meio, onde se encontram igualmente diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra extraem os elementos necessários à economia de sua existência. Esses fluidos, por mais sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam de ser de natureza grosseira, comparados aos fluidos sutis das regiões superiores.

A qualificação em **fluidos espirituais** não é rigorosamente exata, pois que, afinal de contas, trata-se sempre de matéria em sua quintessência. Realmente espiritual só há a alma ou o princípio inteligente. São designados assim, por comparação e, sobretudo, em consideração à sua afinidade com os Espíritos. Pode-se dizer que constituem a matéria do mundo espiritual: é por isso que são chamados **fluidos espirituais**.

E o próprio Kardec pergunta, especulativo: “Quem, aliás, conhece a constituição íntima da matéria tangível? Talvez ela seja compacta apenas no que diz respeito a nossos sentidos; e a prova está na facilidade com que é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos aos quais não constitui mais obstáculo que os corpos transparentes para a luz.”

A matéria tangível, tendo por elemento o fluido cósmico, ao desagregar-se, deve poder retornar ao estado imponderável, assim como o diamante, pode volatizar-se em gás impalpável. A solidificação da matéria,

na realidade não é senão um estado transitório do fluido universal, que pode retornar a seu estado primitivo, quando as condições de coesão deixam de existir. E coerente e cognitivo, conclui Kardec:

“Ainda não possuímos senão os marcos do mundo invisível, e o futuro nos reserva, sem dúvida, o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que para nós é ainda um mistério.” Essa sentença está inserida no Capítulo XIV do livro “A GÊNESE”, dado a lume em 1868, por Allan Kardec; iria ser ratificada em 1895, pelo pesquisador Alfred Erny, em sua obra: “LE PSYCHISME EXPÉRIMENTAL”, ÉTUDE SUR LES PHÉNOMÊNES PSYCHIQUES, nestes termos: “Quem sabe se no século XX não se descobrirá o PSICOSCÓPIO, isto é, um instrumento bastante poderoso e sensível para nos permitir ver o fluído magnético e, principalmente, a matéria sutil que forma o corpo psíquico?”

O Espírito André Luiz, comunicando-se através da portentosa e incansável faculdade mediúnica de Francisco Cândido Xavier, escreveu, “NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE”:

“ - Psicoscópio, que novo engenho vem a ser esse? ”

“ - É um aparelho a que intuitivamente se referiu ilustre estudioso da fenomenologia espírita (Alfred Erny), em fins do século passado (1895). Destina-se à auscultação da alma, com o poder de definir-lhe as vibrações e com capacidade para efetuar diversas observações em torno da matéria - esclareceu Áulus, com leve sorriso - esperamos esteja, mais tarde, entre os homens. ”

O Acumulador de Ectoplasma

Por volta de 1850, ocorriam as fantásticas manifestações mediúnicas no seio da família de Jonhatan Koons, de Athens County, Município de Dover, Estado de Ohio-USA. Jonhatan, sob a orientação dos Espíritos, construiu um aparelho destinado a detectar e localizar a aura magnética dos médiuns e assistente. O aparelho era composto de elementos de cobre e zinco, dispostos de maneira bastante complicada. Graças a esse “acumulador de ectoplasma”, os Koons conseguiram notáveis fenômenos mediúnicos. Os desenhos do aparelho foram publicados - segundo Ernesto Bozzano (“BREVE HISTÓRIA DOS RAPS”) - numa revista da época: “The Spiritual Clarion”, cujos exemplares se perderam.

O Ectoplasma na Visão de Pesquisadores e Médiuns

Vários pesquisadores se preocuparam com o ectoplasma⁹. O juiz Petersen, v. g. afirma que em 1877 viu “uma nuvem floculenta” envolver o médium W. Lawrence, formando, gradativamente, “um corpo sólido, conforme consta de seu livro “ESSAYS FROM THE UNSEEN”. James Curtis presenciou, na Austrália, em 1878, através da mediunidade de H. Slade, “uma como que nuvem de vapor branco-acinzentado se formando e aumentando, antes do aparecimento de uma figura inteiramente materializada”. Alfred Russel Wallace revela ter visto com o Dr. Monk (conhecido, também, por “Reverendo”) “uma mancha branca” que aos poucos transformou-se numa “coluna nevoenta”. Alfred Smedley, em uma sessão com o médium Williams (quando John King se manifestou) reporta-se a uma “nuvem fracamente iluminada”. William Crookes, nas pesquisas

⁹ Ectoplasma: substância conhecida dos alquimistas do século XVII, assim como de Emmanuel Swedenborg. O Dr. N. B. Wolfe trata longamente em sua obra “STARTING FACTS IN MODERN SPIRITUALISM” (1869). Paracelso denominou o ectoplasma de 'Misterium Magnum'.

com o famosíssimo médium Daniel Douglas Home, viu “uma nuvem luminosa”, que se condensou em uma mão. E. A. Brackett, trabalhando com a médium Helen Barry (1885), nos Estados Unidos da América, constatou que “uma pequena substância branca, como uma nuvem”, se dilatou, formando uma estranha figura de mulher. O fato é relatado em “MATERIALIZED APPARITONS”, Edmund D. Rogers observou “uma substância esbranquiçada e fumacenta” ao lado do médium Eglinton, em experiências realizadas em 1885. Elisabeth D’Esperance afirmou, após uma das inúmeras sessões experimentais de que participou, como médium: “parecia-me sentir que fios muito finos me saíram pelos poros da pele”.

A propósito da informação de Madame D’Esperance, o Espírito Katie King, n’algumas ocasiões, ficava ligado à médium Florence Cook “por meio de fios nevoentos e fracamente luminosos”.

Em “LIFE AND EXPERIENCE”, Edmund Dawson Rogers, citado por “Sir” Arthur Conan Doyle, informa o que aconteceu na sessão realizada com o concurso do médium Eglinton (na cidade de Londres-Inglaterra): “Mr. William Eglinton em estado de transe, passeou pela sala, entre os assistentes e... começou, delicadamente, a tirar de seu lado e a atirar em ângulo reto uma substância fumacenta e esbranquiçada que caía à sua esquerda. A massa de matéria branca no chão ia aumentando de largura, começou a pulsar e a se mover para cima e para baixo, oscilando para um lado e para o outro, como se a força motora estivesse por baixo. A massa cresceu até três pés de altura e logo depois a forma cresceu rapidamente, silenciosamente até a plena estatura. Por um rápido movimento das mãos, Mr. Eglinton separou o material branco que cobria a cabeça da forma e aquele caiu para trás, sobre os ombros, tornando parte da indumentária do ‘visitante’. O laço de ligação - o fio esbranquiçado que saía do lado do médium - foi cortado ou se tornou invisível, e a forma

avançou para Mr. Everitt, deu-lhe um aperto de mão e correu todo o círculo, tratando cada um da mesma maneira”.

Em uma sessão em Argel (capital da Argélia), realizada em 1905, com Marthe Béraud, depois conhecida, graças à professora Bisson, como Eva Carrière, eis o que ocorreu e vem relatado nos “Annals of Psychological Science”, volume II:

“Marthe estava só na cabine, nessa ocasião. Depois de esperar cerca de vinte minutos, ela mesma abriu completamente a cortina e sentou-se em sua cadeira. Quase imediatamente estando Marthe bem à vista dos assistentes, suas mãos, a cabeça e o corpo bem visíveis – viu-se uma coisa branca, de aparência diáfana, se formando junto a ela. A princípio, parecia uma grande mancha nevoenta perto do cotovelo direito de Marthe, e parecia ligada ao seu corpo. Era muito móvel e crescia rapidamente para cima e para baixo assumindo finalmente uma aparência de certo modo amorfa de uma coluna nevoenta, que ia desde cerca de dois pés acima da cabeça de Marthe até os seus pés. Não era possível distinguir nem as mãos nem a cabeça; o que se via era semelhante a nuvens brancas e floculentas, de brilho variável, que se iam condensando gradualmente, e se concentrando como que em redor de um corpo invisível”.

Nessa antiga possessão francesa (A Argélia - 1830 a 1962), foram realizadas memoráveis sessões de materialização de Espíritos, na casa de General Noël (Vila Carmen), de que fizeram parte, certa feita, Charles Richet e Gabriel Delanne. Ambos ficaram impressionados com as surpreendentes provas da sobrevivência da alma, praticamente demonstrada pelos seres do “outro mundo”, que se mostravam, diga-se de passagem, a toda sorte de acurados exames. Destacaram-se, nessas sessões, o Espírito Bien-Boa, antigo sacerdote que vivera 350 anos antes,

em Golconde, no Industão, e o Espírito da princesa egípcia Bergólia, que se materializava completamente nua, deslumbrando a todos com sua beleza.

Essas reuniões com os mais afamados médiuns da época, cercadas de uma rigidez científica irrepreensível, surtiram, realmente, expressivos e irrefutáveis resultados. Entretanto, e como observa o “Gigante de Edimburgo”, em seu notável livro “HISTÓRIA DO ESPIRITISMO”, Ed. Pensamento, S. Paulo, “Foi uma pena que Eva Carrière (ou outro médium de igual porte) não tenha tido uma oportunidade de exibir seus dons numa atmosfera amorosa, numa sessão à velha moda espírita. É muito provável que o resultado tivesse sido muito diverso quanto às materializações. Como prova disso, Madame Bisson, numa íntima sessão particular com ela, obteve maravilhosos resultados, jamais alcançados através dos métodos desconfiados dos investigadores científicos”.

Parece, em verdade, que os “métodos desconfiados” dos experimentados inibem sensivelmente a médium, refletindo-se no teor das manifestações. Afinal de contas, a participação do medianeiro nas manifestações é fundamental. O seu estado de ânimo exerce notória influência na força e na intensidade dos fenômenos. Sentindo-se à vontade, seu estar sob o guante das percucientes observações dos pesquisadores, o médium se descontraí, assumindo posturas que vão contribuir, sem embargo, para se obter melhores e efetivos resultados.

Nas sessões da Vila Carmen, materializou-se, através das faculdades mediúnicas de Eva Carrière, o Espírito “Bien-Boa”. Informa Charles Richet nos “ANNALS OF PSYCHICAL SCIENCE” que esse fantasma “anda, fala, move-se e respira como um ser humano. O corpo é resistente e tem uma certa força muscular. Nem é uma figura de gesso, nem uma

boneca ou uma imagem refletida num espelho; é um ser vivo; é um homem vivo; e há razões para resolutamente por de lado qualquer outra suposição do que uma ou outra dessas hipóteses - de que seja um fantasma com atributos de vida; ou de que seja uma pessoa viva, fazendo papel de fantasma”. Charles Richet, diante das evidências, recusa admitir que se tratava – como aliás era comum entre os teimosíssimos cétricos - de um caso de “desdobramento da personalidade”...

Charles Richet e Gabriel Delanne tiraram muitas fotografias de “Bien-Boa”, consideradas excelentes pelos pesquisadores, incluindo Oliver Lodge.

O Dr. Schrenck Notzing, que se associou a Madame Bisson, viúva de Adolphe Bisson, conhecido homem público na investigação da faculdade mediúnica de Eva Carrière, eis o que esse pesquisador alemão revela, após suas experiências realizadas juntamente com a Madame Bisson, com a referida médium.

“Muitas vezes fomos capazes de verificar que, por um processo biológico desconhecido vem do corpo da médium um material, a princípio semifluídico, que possui algumas das propriedades da substância viva, principalmente a do poder de transformação, de movimento e de aquisição de formas definidas”.

Arthur Conan Doyle acrescenta: “A gente pode ver essa coisa (o ectoplasma) como filamentos viscosos, como água de súbito congelada, pendente do queixo, caindo pelo corpo, formando um avental branco ou se projetando sem forma pelos orifícios da face. Quando tocada, ou quando uma luz inadequada a atinge, ela se recolhe tão rapidamente e, tão maravilhosamente quanto os tentáculos de um polvo invisível. Se agarrada e apertada, o médium gritará”.

Eva Carrière também fora investigada pelo Dr. Gustave Geley. Ao final das pesquisas, o autor de “O SER SUBCONSCIENTE” exclama:

“Aquilo que vimos mata o materialismo. Já não há mais lugar para ele no Mundo”.

Após os trabalhos realizados com Eva Carrière, Gustave Geley obteve extraordinários resultados com o médium polonês Frank Kluski, conseguindo moldagens de parafina das mãos de entidades materializadas. Essas luvas de parafina eram tão pequenas nos pulsos que só poderiam ter sido feitas por desmaterialização! Qualquer outro meio seria inteiramente impossível.

Com essas conclusões do Dr. Gustave Geley, um pesquisador sério e estudiosíssimo da fenomenologia espírita, concluímos nossas considerações sobre o ectoplasma, “substância fumacenta e esbranquiçada”, que até hoje vem desafiando os investigadores, quanto à sua verdadeira origem.

Energia e Consciência

Para grande número de homens de ciência e de filósofos existe um laço entre a energia e a consciência, “A consciência” - afirma Kostyleff - “é uma parte da energia tal como se manifesta no mundo vivente, no homem. Henri Berr diz que “a energia em si é, em menor grau, o que o Eu encontra em si mesmo: a tendência a existir, a existir o mais possível”.

Esta profunda modificação das idéias atingiu, também, a Biologia: conhece-se a repercussão mundial da obra “O Homem e o seu Destino”, do biologista Pierre Leconte du Noüy, que vê na evolução qualquer coisa

mais do que simples jogo das forças físico-químicas e do acaso, isto é, a manifestação de uma idéia, de um Querer Supremo.

Numa obra intitulada “O Dinamismo Ascensional”, outro biologista - Gustave Mercier – desenvolveu uma concepção, segundo a qual a Vida e o Espírito estão presentes no Universo, que a Evolução faz progredir, elemento por elemento, do reino do determinismo ao reino da liberdade. Eis alguns pensamentos deste biologista-filósofo:

“A criação está sempre em marcha, mesmo quantitativamente. O Universo desenvolveu-se em si mesmo pelo seu esforço, englobando os esforços e o trabalho de todas as partes individuais. Aquilo a que chamamos vida deriva da organização que não tem limite inferior. O átomo é organizado porque é vivo. Nenhuma cortina de ferro separa o mundo mineral do mundo orgânico.”

“A consciência marca o acesso a um estágio superior - o da espiritualidade - que se define biologicamente como conquista do tempo e do espaço, um domínio próprio conducente ao domínio de grande parte do universo e à libertação progressiva da servidão material.”

Existe identidade natural entre a energia e a espiritualidade humana e esta permite a progressão e a posse, em consciência, dos planos que servem de base ao Universo.

E Gustave Mercier conclui:

“O Universo contém em si próprio a sua razão suficiente e a sua justificação. É o mesmo que o homem que, doravante, constitui uma peça essencial e que, pelo desenvolvimento da espiritualidade, deve elevar-se à Fonte Suprema que acaba de enriquecer com o seu esforço”.

Enquanto isso, Albert Vandel, Professor de Zoologia na Faculdade de Ciências de Toulouse, na sua obra “O Homem e a Evolução”, exprime nitidamente a idéia filosófica fundamental que tende a libertar-se da ciência contemporânea:

“Se a evolução” afirma ele - “é, antes de mais nada, desenvolvimento do Espírito, emergência da consciência fora da matéria e do orgânico; se o pensamento é o modo superior do ser, como a energia é a forma nobre da matéria, o sentido da vocação humana não apresenta dúvidas. O Homem deve libertar-se das influências materiais hereditárias, familiares e raciais que traz em suas origens orgânicas, a fim de se empenhar inteiramente na imensa aventura espiritual em que se põe em jogo o destino do mundo”.

E finaliza:

“Todo o processo real se deve processar no plano do Espírito. E por um constante esforço de penetração e de amplificação interior que o homem cumpre o seu destino e participa, ao mesmo tempo, da obra universal... A moral da necessidade e do interesse pessoal que se alimenta nas mesmas fontes da atividade animal, é incapaz de satisfazer aquele que penetrou o sentido e o valor do trabalho humano. O Homem deve labutar na obra coletiva, que ultrapassa e integra no desenvolvimento universal e é numa entrega total de si mesmo e numa obrigação sem reserva que deve esgotar a força, a confiança e a alegria”.

Por seu turno, Lincoln Barnett, autor da obra “Einstein e o Universo”, após evidenciar as concepções revolucionárias da física relativista, mostra como o conhecimento científico é limitado pelo fato de o Espírito humano acabar por se descobrir a si mesmo no Universo que explora.

“Na evolução do pensamento científico” - declara Barnett - “um fato se tornou infinitamente claro: não há mistério do mundo físico que não conduza ao mistério de nós mesmos. Todas as grandes vias da inteligência, todos os resumos da teoria e das conjunturas conduzem finalmente a um abismo que a natureza não pode franquear. Porque o Homem está preso a seu ser pela sua finalidade e Ligação à natureza. Quanto mais alarga os horizontes, mais reconhece que - no dizer do físico Niels Böhr - ‘somos ao mesmo tempo espectadores e autores no drama monumental da existência!’...”

Entre os progressos da Física e da Biologia, as investigações parapsicológicas dão importante contributo a esta orientação espiritualista do pensamento contemporâneo, que se vai tirando do conhecimento científico um elevado ideal moral e social. Depois de William James afirmar que “vivemos à superfície de uma inteligência imensa”, o Dr. Joseph B. Rhine, pai da Parapsicologia, acredita, firme e racionalmente, que os fenômenos de clarividência e de premunição demonstram que o nosso ser psíquico escapa às limitações do tempo e do espaço, o que já é uma garantia de imortalidade!

Sonambulismo Natural e Magnético

Um dos efeitos do sonambulismo, que é um estado de emancipação da alma (mais completo do que o sono), em que as suas faculdades adquirem maior amplitude.

É precisamente porque os sonâmbulos não dormem na acepção vulgar do vocábulo, entendem alguns magnetizadores que essa denominação é imprópria. “É curioso assinalar” esclarece Michaelus -

“que participam dessa opinião os próprios sonâmbulos, que protestam contra a alegação de sono quando eles estão vendo, ouvindo e sentindo...”

Os magnetizadores espíritas, entretanto, de acordo com a doutrina, sabem, igualmente, que no sono comum a alma jamais está inativa, e que o repouso do corpo se verifica em virtude da liberdade ou ausência parcial daquela. Deve-se, então, manter-se aquela denominação, porque ambas as expressões - SONO E SONAMBULISMO - indicam, inequivocadamente, um estado de emancipação perispiritual e, conseqüentemente, de repouso do corpo.

Dentro dessa concepção, acrescenta Michaelus - “nada há a inovar no resumo teórico do sonambulismo apresentado por Allan Kardec” (O Livro dos Espíritos):

“Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Mas, em certas pessoas dotadas de especial organização, podem ser provocadas artificialmente, por ação do agente magnético.”

“Para o Espiritismo” -, acrescenta Kardec - “o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada na Psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto. Ora, um dos fenômenos que a caracterizam é o da clarividência independente dos órgãos ordinários da visão.”

De uma causa única se origina a clarividência do sonâmbulo magnético e a do sonâmbulo natural. É um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo. O sonâmbulo vê em todos os lugares aonde seu duplo possa se transportar, qualquer que seja a distância. Neste caso, o sonâmbulo não vê as coisas de onde está o seu corpo. Vê-las

presentes, porque o seu perispírito se encontra no local em que os fatos acontecem. Por isso que o seu corpo fica como que privado de sensação, até que o duplo volte a habitá-lo novamente. Essa emancipação parcial da alma do seu corpo constitui um estado anormal, suscetível de duração mais ou menos longa, porém não indefinido. Daí a fadiga que o corpo experimenta após certo tempo, mormente quando a alma se entrega a um trabalho ativo.

A vista da alma não é circunscrita e não tem sede determinada¹⁰. Eis porque os sonâmbulos não lhe podem marcar órgão especial. Vêm porque vêm, sem saberem o motivo nem o modo, uma vez que, para eles, na condição de Espíritos, a vista carece de foco próprio. Se se reportam ao corpo, esse foco lhes parece estar nos centros onde maior é a atividade vital, principalmente no cérebro.

O poder da lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo completamente livre, tem restringidos seus conhecimentos e faculdades, conforme o grau de perfeição que haja alcançado. Ainda mais restringidos os tem quando ligado à matéria, a cuja influência está sujeito. É o que motiva não ser universal, nem infalível a clarividência sonambúlica. E tanto menos se pode contar com a sua infalibilidade, quanto mais descreída seja do fim visado pela natureza e transformada em objeto de curiosidade.

No estado de desprendimento, o Espírito do sonâmbulo entra em comunicação mais fácil com os outros Espíritos encarnados e desencarnados, comunicação que se estabelece pelo contato dos fluídos que compõem os perispíritos e servem de transmissão ao pensamento

¹⁰ - "O que é Espiritismo", Kardec elucidada: "- A alma não está, como geralmente se pensa, localizada em uma parte determinada do corpo, forma com o perispírito um todo fluídico, penetrável, interligando-se ao corpo inteiro, com o qual constitui um ser complexo, do qual a morte não é, de certa forma, senão um desdobramento.

como o fio elétrico. O sonâmbulo não precisa, pois, que se lhe exprimam os pensamentos por meio da palavra articulada. Ele os sente e os interpreta. É o que o torna, eminentemente, impressionável e sujeito às influências da atmosfera moral que o envolva.

O sonâmbulo vê ao mesmo tempo o seu corpo perispiritual e o corpóreo, os quais constituem, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência corpórea e espiritual, existência que, entretanto, se confundem, mediante os laços que as unem.

Em cada uma de suas existências corporais, o Espírito adquire um acréscimo de conhecimentos e de experiência. Esquece-os parcialmente, quando encarnados em matéria por demais grosseiras, porém deles se recorda como Espíritos. Assim é que certos sonâmbulos revelam conhecimento acima do grau da instrução que possuem e mesmo superiores às suas aparentes capacidades intelectuais. Portanto, da inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo quando desfeito, nada se pode inferir com relação aos conhecimentos que porventura revele no estado de lucidez¹¹. Conforme as circunstâncias e o fim que se tenha em vista, ele os pode haurir de sua própria experiência, da sua clarividência relativa às coisas presentes, ou dos conselhos que receba de outros Espíritos, mas podendo o seu próprio Espírito ser mais ou menos adiantado, possível lhe é expressar idéias e valores elevados.

Pelos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a providência oferece a prova irrefutável da existência e da independência da alma e faz assistir ao sublime espetáculo de sua emancipação. Abre-nos, destarte, o livro do nosso destino. Enquanto o homem se perde nas

¹¹ Lucidez diz-se mais particularmente da clarividência sonambúlica. Um sonâmbulo é mais ou menos lúcido quando a emancipação do duplo é mais ou menos completa.

sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, em busca das causas da nossa existência moral. Deus, cotidianamente, põe sob os nossos olhos e ao alcance da razão os mais simples e patentes meios de estudarmos a psicologia experimental.

Como vimos, para o Espiritismo o sonambulismo é mais do que um fenômeno, é uma luz, projetada na Psicologia, para o estudo da alma, em que esta surge em estado não de absoluta, porém de mais completa emancipação.

Os adversários do Espiritismo, criticando a reencarnação, estranham que, na sua nova vida corporal, o Espírito esqueça todo o seu passado. O sonambulismo vem-lhes demonstrar a improcedência desse reparo, eis que no relativo estado de emancipação em que se encontra a alma do sonâmbulo, este, ao despertar, isto é, ao contato com a matéria grosseira, esquece todas as ocorrências. Ora, se assim acontece em um estado momentâneo, e de relativa emancipação, sem o definitivo abandono do corpo, que se dizer após um estado absoluto de separação do Espírito?

Jean Philippe François Deleuze (1753-1835), um dos expoentes da pesquisa sobre o magnetismo, na sua obra, raríssima, “Histoire Critique du Magnétisme Animal”, 1813, adverte: “O primeiro conselho que posso dar é o de nunca se provocar o sonambulismo, mas deixá-lo emergir naturalmente.”. Já àquela época, antes do trabalho magnífico de Allan Kardec, Deleuze apontava, em resumo, as principais faculdades sonambúlicas:

- O sonâmbulo vê através de corpos opacos e a distâncias mais ou menos consideráveis.

- Ele vê o seu próprio mal, prevê as suas crises e as dos outros, e anuncia a maneira e a época do termo final.

- Vê a origem das moléstias e pode indicar os meios mais acertados para curá-las.

- Experimenta momentaneamente a moléstia das pessoas com as quais foi posta em relação.

- Vê as radiações magnéticas e os fluidos escapar-se das extremidades dos dedos do magnetizador e aponta a esta a sua qualidade e força.

- Executa em si mesmo e nos outros operações cirúrgicas e percebe quando os instrumentos e as mãos do operador se introduzem e agem no interior do corpo humano.

Sobre a faculdade extraordinária de realizar intervenções cirúrgicas, Aubin Gauthier, em “Histoire du Sonambulisme”, relata o caso da menina Madalena Durand, que, afetada aos 7 anos, de um tumor maligno na boca, foi abandonada pela medicina, que julgou inexecutável a cirurgia. Essa criança, em estado sonambúlico, no dia previamente por ela indicado, fez a incisão e cortou com o bisturi o tumor, cujas partes lhe saíram pela boca; depois dessa primeira operação, realizou outras até que a cura se verificou, sem que houvesse metástase.

O sonambulismo produzido pelos processos magnéticos consegue apurar e regular essas preciosas faculdades, ao passo que o sonambulismo provocado pelos hipnotizadores não conseguiu alcançar esses efeitos, segundo a opinião insuspeita do Dr. James Braid (1795 - 1860), citado por Alfred Bué, in: “Le Magnétisme Curatif”.

“Os magnetizadores” - afirma Braid, o fundador do Hipnotismo – ”asseguram positivamente poder realizar certos efeitos que eu nunca pude provocar com o meu método, se bem que o tenha tentado. Os efeitos a que aludo são, por exemplo, ler a hora num relógio colocado por detrás da cabeça ou cavidade epigástrica, ler cartas lacradas ou um livro fechado, reconhecer o que se passa a distância de alguns quilômetros, diagnosticar, com absoluta segurança, a natureza das enfermidades e indicar-lhes o tratamento (conforme acontecia com o sonâmbulo norteamericano Edgar Cayce). Devo dizer, a este respeito, que não julgo razoável, nem mesmo conveniente, por em dúvida as afirmações de experimentadores, homens de talento e de observação, cuja palavra constitui autoridade em outras matérias, sob pretexto de que não fui pessoalmente testemunha dos fenômenos, ou que não pude reproduzi-los, quer pelo meu método, quer pelo deles”. O fenômeno sonambúlico permanece desafiando os pesquisadores, raros pesquisadores, que ainda teimam, alimentados pelo Ideal, em fazer imorredoura a chama da pesquisa espírita.

A Psicoscopia e a Questão dos Homens Duplos

A psicoscopia (equivocadamente rotulada de “autoscopia externa”) é um dos fenômenos mais raros e inexplicáveis no campo das pesquisas psíquicas. Em “OBRAS PÓSTUMAS”, Allan Kardec trata do especioso assunto, valendo-se das informações contidas na obra “Os Fenômenos Místicos da Vida Humana”, de autoria do pesquisador alemão Maximilien Perty, publicado nos idos de 1861, aí colhendo o seguinte exemplo:

Um proprietário rural foi visto por seu cocheiro, no curral, olhando o gado, no mesmo momento em que estava comungando na igreja. Contou o fato mais tarde a seu pastor, que lhe perguntou em que ele estava pensando no momento da comunhão. “Para dizer a verdade”, respondeu

ele, “eu estava pensando no meu gado”. “Então está explicada a sua aparição”, replicou o eclesiástico. ”

Kardec, em seguida ao relato, esclarece que o sacerdote estava com a verdade, “porque, sendo o pensamento atributo essencial do Espírito, este deve achar-se no lugar onde se encontra o pensamento”. A questão é saber-se, no estado de vigília, o desprendimento do perispírito pode ser suficientemente grande para produzir uma aparição, do qual uma parte animaria o corpo fluídico e a outra, o corpo material. Nada haveria de impossível nisso, se considerarmos que, quando o pensamento se concentra em um ponto distante, o corpo age de modo maquinal, sob uma espécie de impulsão mecânica, o que acontece muito com as pessoas distraídas. Só a alma a vida material; a vida espiritual acompanha o Espírito. É, pois, possível que o homem em questão tivesse passado por grande distração naquele momento, e que seu gado o preocupasse mais que a sua comunhão.

Uma ao lado da outra - Um outro caso, não menos intrigante, aconteceu com uma jovem professora irlandesa: voltando do enterro do marido, ao entrar em seu quarto, percebeu ali, um vulto estranho. A fim de ver quem era, ela levou a mão ao interruptor. No mesmo instante, o vulto fez um gesto idêntico e suas mãos se tocaram. Segundo a professora, sua mão gelou e ela teve a impressão de que o sangue se esvaía - como e por que não soube explicar. Mas, mesmo assim, conseguiu acender a luz, e para a sua surpresa, viu uma figura feminina de rosto e roupas idênticas aos seus - era como se estivesse se olhando num Espelho.

Apesar do espanto, a professora não sentiu medo. Só um torpor, uma certa apatia, que foi tomando conta de seu corpo e de sua mente, deixando-a tão exausta que ela decidiu se deitar. Começou a tirar as luvas e o véu -

e a figura repetia todos os seus gestos. Por fim, recostou-se e fechou os olhos e, nesse exato momento, sentiu que estava sozinha outra vez. Abriu os olhos e verificou que o vulto havia desaparecido. Aos poucos suas forças retornaram, e ela pôde levantar-se da cama sem fazer grande esforço.

Ainda em “OBRAS PÓSTUMAS” Kardec relata o caso famoso da professora Emilie Sagée, que perdeu dezenove vezes seu emprego porque aparecia por toda parte em duplo. As jovens de um pensionato em Neuwelke, na Livônia, víam-na, às vezes, no salão ou no jardim, quando na realidade ela se achava em outro lugar. Outras vezes, elas viam diante do quadro-de-giz, durante a aula, duas professoras Sagée, uma ao lado da outra, exatamente iguais, fazendo os mesmos movimentos, com a única diferença que só a verdadeira Sagée trazia um pedaço de giz na mão, com o qual escrevia no quadro.

Diferenças Básicas - Esses relatos, sobretudo fantásticos, são casos típicos de psicoscopia, que muito têm despertado a atenção de psiquiatras, psicólogos e parapsicólogos. Mas, apesar de todas as pesquisas levadas a efeito, ao longo dos anos, os investigadores não chegaram a conclusão nenhuma sobre a sua gênese, embora se permitam emitir hipóteses a respeito. A verdade, porém, conquanto a psicoscopia seja um processo mais ou menos parecido com o desdobramento espiritual, existem certas diferenças entre os dois fenômenos que não podem ser ignoradas.

A psicoscopia geralmente acontece quando a pessoa está de Pé e o que aparece é uma imagem acinzentada do busto, vestida com as mesmas roupas e imitando todos os seus gestos. E, o que é fundamental, a consciência permanece no corpo físico e não no duplo. Já no desdobramento, ocorre o inverso: a consciência fica no duplo e não no

corpo físico. Se na psicoscopia a pessoa está de pé, no desdobramento ela geralmente está deitada. O duplo se desprende aos poucos e, de início, flutua no ar, deitado, até aprender a se equilibrar e poder ficar de pé. O duplo vê e lembra-se do que viu: o quarto, seu corpo deitado, os objetos, as pessoas, etc. - e quando retorna ao corpo, consegue descrever tudo o que viu.

O desdobramento já foi cientificamente provado em trabalhos de laboratório, especialmente pelos professores Charles Richet, Ernesto Bozzano, Alexander Aksakof, Paul Gibier e tantos outros pesquisadores que seguiram, nesse particular, as luminosas pegadas do mestre Allan Kardec.

Mecânico - maestro - Deve-se observar, contudo, que ambos têm algo em comum: em geral eles ocorrem, quando o sensitivo se encontra cansado, ansioso ou deprimido. Só que, na psicoscopia, a ingestão de drogas ou de grande quantidade de álcool, assim como certas lesões cerebrais parecem favorecer a ocorrência do fenômeno. Esclarece a pesquisadora Elsie Dubugras, a propósito, que essa peculiaridade levou médicos e cientistas a pensarem que a psicoscopia poderia estar relacionada a desordens orgânicas e, por vezes, mentais. Além disso, para determinado tipo de pessoa, ela serviria como autocompensação psicológica...

Essa hipótese, que nasce e morre como hipótese, seria ilustrada com o caso de um mecânico de meia-idade que durante oito anos manifestava o fenômeno da psicoscopia. Qualquer fenômeno da psicoscopia. Qualquer hora do dia, mais especificamente ao anoitecer, ele via sua própria imagem regendo uma orquestra. O duplo era do tamanho normal (corpo inteiro e não apenas o busto, como é mais freqüente) e usava roupas de mecânico.

Aí se configuraria um caso, segundo imaginaram os especialistas que dele tiveram conhecimento, de autocompensação, uma vez que, argumentam, o mecânico sempre fora um apaixonado pela música, alimentando, sempre, o desejo incontável de ser maestro, o que lhe não seria, de modo nenhum, possível, levando-se em conta o seu *modus vivendi*.

Elemento Espiritual - Outros sinais que tipificam os casos de psicoscopia: no curso do fenômeno, algumas pessoas sentem frio, enquanto outras são presas de indefinível apatia, tristeza, e profundo desânimo, como se perdessem uma quantidade muito grande de energia vital. Ademais, o duplo se apresenta, normalmente, com uma aparência diáfana, conquanto se tenha notícia, de casos em que as imagens vistas em cores, e, o mais intrigante: mormente os duplos, na maioria das vezes, repetam os gestos de sua “matriz”, já houve casos em que eles demonstraram possuir movimentos independentes, como por exemplo, aconteceu com o mecânico de meia-idade.

“Se em todas essas histórias fantásticas há algo a aprender - elucidada Kardec -, há também muito para se pôr de lado, inclusive a parte relativa à lenda. O Espiritismo, longe de fazer-nos aceitar cegamente, nos ajuda a separar o verdadeiro do falso, o possível do impossível, com o auxílio das leis que nos revela, referentes à constituição e ao seu papel do elemento espiritual.

O que é impossível - Destarte, não apressemos a rejeitar, a prioridade de tudo aquilo que não compreendemos, porque muito nos falta, na verdade, para conhecer todas essas leis, e porque a Natureza ainda não nos revelou todos os seus enigmas. O mundo invisível é um campo de observação ainda novo para nós, a despeito de mais de um século de Espiritismo, e seria notória presunção pretender-se haver sondado (e

desvendado) todas as suas profundezas. Não obstante há fatos dos quais a lógica e o bom senso, bem como as leis conhecidas, demonstram a sua impossibilidade material. Cita-se como exemplo o caso relatado na “Revue Spirite”; (fundada por Kardec em janeiro de 1858), relativa ao mês de fevereiro de 1859, sob o título: MEU AMIGO HERMANN”.

Tratava-se de um jovem alemão da alta sociedade, delicado, amável e de caráter íntegro que, todas as tardes, ao por do sol caía em um estado de morte aparente. Durante este período, o seu Espírito despertava numa região antípoda, na Austrália, no corpo de um bandido malvado, que acabou sendo enforcado.

Supondo-se a possibilidade dessa dualidade corporal, o mesmo Espírito não pode ser, alternadamente, durante o dia, em um certo corpo, um homem de bem, e à noite, um outro corpo, um malfeitor. Dizer que o Espiritismo crê em tais histórias, é mostrar que não o conhece, pois ele fornece os meios para provar o absurdo. Mas, no mesmo tempo que ele demonstra o erro de uma crença, prova que ela muitas vezes se baseia em um princípio verdadeiro, desvirtuado ou exagerado pela superstição.

Fatos incontestáveis - A questão, muito interessante dos HOMENS DUPLOS, segundo o pensamento kardequiano, foi até aqui, relegada a segundo plano pela própria ciência espírita, a falta de documentos suficientes para a sua total elucidação. Estas manifestações por mais estranhas que sejam, por mais incríveis que pareçam, à primeira vista, sancionadas pelos relatos dos mais importantes historiadores da Antiguidade e da Idade Média, confirmadas por acontecimentos recentes, anteriores ao Advento do Espiritismo, ou contemporâneos, não podem de modo nenhum ser postas em dúvida. “O Livro dos Médiuns” e a “Revista

Espírita” em numerosas passagens, confirmam sua existência de maneira incontestável.

A Exteriorização da Sensibilidade

O Dr. Alberto Seabra, em uma de suas magníficas obras, estabelece fecunda interação entre “od” (expressão criada pelo barão de Reichenbach) e a exteriorização da sensibilidade.

Afirma o Dr. Seabra, preliminarmente, que a existência do “od” é uma realidade objetiva, de um fato que não pode ser desprezado por nenhum observador imparcial livre da escravidão do oficialismo científico.

Conhecido desde longínquas eras pelos indianos e pelos egípcios, o “od” tem sido diversamente designado: Pitágoras chamara-o de “carro da alma”; os antigos magnetizadores conheciam-no pelo nome de “fluido magnético”. Na Idade Média, era o “espírito vital”. Outras denominações se sucederam de Paracelso e Mesmer, até Kardec, W. Crookes e Charles Richet, que o chamou de ectoplasma.

Vêm-no os sensitivos; sentem-no os sonâmbulos, que também lhe percebem o gosto agradável na água magnetizada.

O estado chamado de relação entre o magnetizador e o sonâmbulo - esclarece o Dr. Seabra - é um fenômeno ódico, como ódica é, em geral, toda manifestação física do mediunismo. Acresce, ainda, que o “od” se exterioriza e leva consigo a sensibilidade do indivíduo. As experiências do Coronel Albert De Rochas o provam.

Repetiu-as o Dr. Paul Joire, Presidente da Sociedade Universal de Estudos Psíquicos (Société Universelle d’Études Psychiques) autor do livro “Psychical and Supernormal Phenomena (1916). Ainda Paul Joire

fora um dos mais importantes colaboradores do “Journal du Magnétisme et du Psychisme Experimental”, que teve como editor Henri Durville.

Em certas pessoas magnetizadas, a sensibilidade afasta-se do corpo físico e emigra para as “camadas ódicas”, que lhe são externas. O fato se processa do seguinte modo: a primeira camada que se forma é muito tênue, e traça a 3 ou 4 centímetros da pele do sensitivo os seus contornos corporais. Depois, em torno dessa primeira camada, novas camadas equidistantes, dela separada umas das outras até 2 ou 3 metros de distância - sucessão em que se entrecruzam. Se a magnetização é levada mais longe, operada com maior profundidade, tais camadas reúnem-se então em dois polos, um à direita e outro à esquerda, - polos esses que, finalmente, por sua vez também se reúnem e formam o duplo do sensitivo. A verdade é que os casos de desdobramento, de bilocação, são manifestações superiores do duplo.

Formas Pensamento

Após a morte de Helena P. Blavatsky, em 1981, os seus discípulos C. W. Leadbeater e Annie Besant deram a lume o livro “TOUGHTFORMS” (FORMA PENSAMENTO), lançado, no Brasil, pela Editora Pensamento. As pesquisas dos dois teosofistas partiram dos trabalhos do Dr. Hippolyte Baraduc, na expectativa de confirmar, como realmente confirmaram, as informações colhidas através da vidência. Os pensamentos-emoções, irradiados por uma pessoa manifestam-se em determinadas formas e cores. Observou-se que o conteúdo moral dos pensamentos determinava as formas. Ódio, amor, felicidade, agressividade, medo, frustração, cada sentimento produzia imagem distinta, específica. Leadbeater e Annie Besant concluíram que as pesquisas que realizavam poderiam revolucionar a Ciência que,

finalmente, poderia envolver-se no estudo sobre os fenômenos psíquicos. Mas, a Ciência jamais se interessou por esse tipo de pesquisa, salvo isoladas investigações (algumas notáveis) a cargo de cientistas do porte de T. Fukurai, o francês Comandante Darget e o alemão Albert; os dois últimos notáveis experimentadores no campo da ectoplasmia.

Por volta de 1910, o Dr. Fukurai realizou uma série de experiências com um grupo de médiuns. Solicitava que transferissem símbolos da escrita japonesa para uma chapa fotográfica, usando tão somente a força do pensamento. O método do Dr. Fukurai antecipava, em anos, o que seria utilizado com o sensitivo americano Ted Serios.

Considerava-se, assim, o pensamento como uma forma de energia, que conseguia imprimir nas chapas fotográficas, diretamente, imagens e signos. O êxito dessas revolucionárias experiências não conseguiu, porém, sensibilizar os setores ortodoxos da Ciência oficial. Houve, até acerba reação ao trabalho do Dr. Fukurai, por parte de seus colegas da Universidade Imperial de Tóquio. A ignorância, o preconceito, o espírito de sistema, e a velha e pernicioso inveja sempre se constituíram obstáculos aos avanços científicos. Na atualidade, o estudo dos fenômenos psíquicos, promovido pelos encarnados (vivos) e desencarnados (mortos), tem avançado consideravelmente. Criaram, até, em Laboratório o termo PSI, retirado da letra grega de igual nome, por Thouless e Wiesner, para designar qualquer espécie de conhecimento que se não coaduna com as leis científicas usuais. Estabeleceram uma divisão:

♣ PSI- GAMA (ou Mentais)

♣ PSI - KAPA (ou Físicos)

Em 1969, dezembro, a “American Association for the Advancement of Science” aceitou a afiliação da “Parapsychological Association”. O fato representa o coroamento de longa e penosa luta desde os tempos gloriosos das pesquisas psíquicas. Tem-se como provada a realidade dos fenômenos de telepatia, da clarividência, da precognição e da psicocinesia. Mas, deve-se fazer justiça ao Mestre Allan Kardec. Ele foi o responsável direto e consciencioso de todo o processo de investigação em torno do homem e da alma, a partir do momento em que lançou, em Paris, “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, a 18 de abril de 1857.

Héctor Durville (1848-1923) continuador da obra do magnetizador Barão Du Potet, realizou extraordinárias experiências sobre o desdobramento espiritual. Escreveu uma obra clássica a respeito do magnetismo, de parceria com Paul C. Jagot. Certa ocasião, uma médium levada, por Héctor Durville ao estado sonambúlico descreveu o seguinte:

A paciente pensa, o médium lê.

“Não posso ouvir a sua voz, mas “vejo” seus pensamentos como espécies de raios de luz saindo de seu cérebro; eles emanam de sua própria alma; nós, almas livres, conseguimos ver com incrível facilidade as vibrações que a alma emite, através do organismo físico, ao pensar”

Eis por que motivo almas mais adiantadas podem ler nossos pensamentos, a eles reagindo conforme o teor de que os mesmos se revestem. Em escala menor, é claro, pode-se identificar o fenômeno da Natureza. Cleve Beckster, pioneiro da moderna pesquisa sobre o comportamento dos vegetais, admite que eles possuem, ainda que a nível primário um tipo de percepção cujo mecanismo é uma incógnita. Após uma série de demoradas experiências, Cleve Backster (com o seu polígrafo) começou a ter acesso ao fantástico universo emocional das

plantas. Constatou que uma planta doméstica, às vezes, escolhe uma pessoa que se encontra na sala e começa a produzir, no Polígrafo, um padrão gráfico que produz, à perfeição, as batidas cardíacas da pessoa tomada como modelo. As plantas sabem “quando devem encenar um “desmaio” estratégico. Quando um cientista canadense visitou Backster, para observar as suas experiências, as plantas não se manifestaram. Enquanto o pesquisador estrangeiro permaneceu no ambiente, as plantas não se prontificaram a cooperar, percebendo que algo determinara o “procedimento” das plantas, perguntou ao canadense se seus trabalhos, de algum modo, envolviam violências contra as plantas. A resposta deixou-o espantado – “Não!, eu as levo ao forno, a fim de obter o seu peso seco para análise”. Pouco tempo depois da partida do visitante, as plantas retomaram às suas surpreendentes manifestações.

O tema é sobretudo, fascinante e perturbador, E não adianta apelar-se para os já surrados rótulos parapsicológicos. Eles não explicam coisa nenhuma. Admitindo-se que as revelações de Leadbeater e Annie Besant não se sustentam na ilusão, devendo ser tratadas como autênticos fenômenos, deve-se concluir que as formas-pensamento que ambos viram são compostas de uma matéria sutil, capazes de se movimentar. Vejamos o que esses expoentes da Teosofia informam a respeito. “Se os pensamentos de alguém estão concentrados em outra pessoa, a forma criada por tais pensamentos, dirige-se na direção dessa pessoa. Se os pensamentos de alguém estão concentrados no próprio eminente, então eles ficam circulando à sua volta, sempre prontos a influenciá-lo”. Ele finaliza: “O homem viaja pela vida dentro de um invólucro de pensamentos que ele mesmo cria”.

Alguns cientistas, ao longo de suas pesquisas, perceberam que existe uma inquestionável relação entre o pensamento e a matéria. O físico Niels

Bohr chegou a afirmar que “se quisermos interpretar corretamente a mecânica dos “quantas”, suas experiências, e seus paradoxos, temos de aceitar o pensamento como uma ação puramente física”.

Einstein, por sua vez, admite que “do conceito de que a matéria é um fantasma eletrônico, até a idéia de que o pensar é uma imagem-pensamento que se materializa, não existe um grande passo”.

Há algum tempo, o físico Marcel Vogel, da Califórnia, realizou experiências utilizando-se métodos espectrográficos, destinados a medir uma sequência de pensamentos concentrados, e expressar os resultados graficamente. Vogel publicou os resultados de suas notáveis e revolucionárias experiências em 1973.

Vem-se se observando, pois, que os fenômenos antes estudados e praticados pelo Ocultismo, constituem objeto das preocupações dos grandes cientistas, que não medem esforços para penetrar-lhes a natureza íntima de seus mecanismos. Na verdade, o que antes andava ao terreno da superstição é matéria de laboratório. Afinal de contas, a fenomenologia espiritual tem a sua gênese na própria Lei Natural. E o pensamento é, nada mais nada menos, que a expressão do ser espiritual quer esteja vivenciando uma existência corpórea ou incorpórea. Ambos, como afirmou Allan Kardec, têm condições de provocar idênticos fenômenos dependendo das circunstâncias ambientais.

Fotografia de Formas Pensamento

Na década de 1960, saia a lume a obra THE WORD OF TED SERIOS de autoria do Dr. Jule Eisenburd, professor da Universidade do Colorado. O livro é um resumo dos testes realizados com o sensitivo Ted

Serios nos laboratórios da Universidade de Colorado, quando se conseguiu uma série de fotografias de formas-pensamento (Thoughtforms).

O Dr. Jule Eisenburd, ao publicar os resultados de suas pesquisas, refere-se a vários cientistas que estiveram com ele na obtenção das fotografias. O depoimento do ilustre professor da Universidade do Colorado, diante das evidências, assume uma importância capital, igualando-se àquele testemunho de Sir William Crookes quando pôs em risco a sua reputação, para enunciar, baseado em provas irrefutáveis, a imortalidade da alma e a possibilidade de sua intervenção no mundo corpóreo, sob multifacetados aspectos.

O Controle Científico das Experiências

No início de sua faculdade psíquica, Ted Serious costumava empregar um cilindro de papel mata-borrão que mantinha em torno das lentes apontadas para seu rosto. Na experiência com Dr. Jule Eisenburd, essa prática foi posta de lado. Constatou-se que as fotografias podiam ser obtidas até com lentes cobertas, tanto a câmara nas mãos do sensitivo quanto na de qualquer um dos investigadores.

Para evitar qualquer tipo de fraude, além de meticulosamente examinado. Ted Serious era confinado a um aposento e a câmara em outro ao lado. Mesmo assim, os resultados eram fantásticos. O Dr. Eisenburd chegou a mergulhar o sensitivo em uma banheira de mercúrio, o que não, impediu que fatos notáveis fossem obtidos.

É bem possível que mais surpreendente resultado tenha sido alcançado **sem o auxílio da câmara, Serious se concentrou em uma parede lisa e a imagem surgiu, com muita nitidez, à vista de todos os pesquisadores.**

A maioria das chapas, entretanto, após a revelação, se apresenta em branco, o que constitui um mistério, especialmente quando o rosto de Serios está voltado para a lente e, certamente, deveria surgir na chapa impressionada. Mas, isso jamais aconteceu. As chapas ou surgem brancas ou revelam as inusitadas e inesperadas imagens que intrigaram (e ainda intrigam) os pesquisadores, mesmo aqueles mais céticos. Uma das explicações sobre o não aparecimento nas chapas, do rosto do sensitivo é **que as lentes são, sempre, focalizadas para o infinito**. Durante a prova, Serios fixa os olhos nas lentes e facilmente espera até que veja a imagem se formando. Enquanto isso, tem a impressão de que algo está sendo desenhado em sua testa. É justamente nesse momento que a chapa é batida. Grande parte das fotografias psíquicas mostra sombrios quarteirões de cidades. Numa das mais notáveis é visto o imponente edifício da Casa Branca, residência oficial dos presidentes norteamericanos **em um ângulo que só poderia ser tomado com o auxílio de um helicóptero**, o que seria impossível diante da extrema segurança a que é submetida.

Algumas fotografias mostram interiores e exteriores de construções antigas; outras revelam torres, edifícios, pontes, tais como foram planejados, mas que ainda não foram construídos ou se encontram em fase de construção.

George Topp escreve, o que se segue, no jornal inglês “The People” (1968):

“Tinham sido batidas cinco chapas sem resultado. Serios pediu-nos desculpas com humildade, mas, na sexta, Cousens, técnico fotográfico, teve uma exclamação: conseguimos! O resultado era uma brilhante panorâmica de uma grande cidade, tal como se tivesse sido batida em um ponto alto. Arranha-céus, uma rodovia e objetos meio apagados, que

poderiam ser carros. Nos dias que se seguiram tentamos identificar o local. Por fim descobrimos, era uma parte da cidade de Dallas, no Texas, com a diferença que, na foto, havia três prédios ao fundo e em Dallas existem apenas dois – **o terceiro está ainda em construção!**”

Embora as pesquisas psíquicas tenham sido opulentas a partir da segunda metade do século XIX até a nossa época, não se pode afirmar, convictamente, que a ciência reconheça a realidade do fenômeno psi. Entretanto, deve-se louvar a posição de certos cientistas, e várias partes do mundo, que têm admitido analisar, em laboratório, as complexas facetas do monumental problema. Em Leningrado (Rússia), por exemplo, o Prof. L. Vasilieve tentou demonstrar, há mais de uma década, que psi não é um fenômeno eletromagnético, ao realizar experiências de sugestão telepática com pessoas hermeticamente fechadas, em gabinetes isolados com chumbo.

A verdade é que a natureza do psi é grande desafio da ciência, na modernidade. Não seria justo, no momento em que as pesquisas sobre a alma atingiram um grandíssimo e inequívoco estágio de veracidade, que se evoque a idéia de que tudo tem origem no subconsciente, como uma entidade distinta e poderosa, que tudo sabe, tudo faz, tudo determina. Queiram ou não queiram, os investigadores do fenômeno psi somente poderão encontrar a gênese de toda a existência da alma, que atira tanto no plano físico (encarnada) quanto no plano transfísico (desencarnada) suscitando fenômenos análogos, embora operando basicamente, em dimensões específicas.

Os Organismos Vivos são Campos de Energia

As pesquisas realizadas, com absoluto sucesso, pelo casal Kirlian para confirmar, por sua vez, àquelas outras desenvolvidas pelo professor

Alexander Gurvitch (1876-1945). Desde 1912 que o professor Gurvitch se ocupou, na Rússia com a morfogênese. Ao longo das pesquisas sobre a divisão celular das plantas, ele observou que as células de uma raiz de uma cebola eram estimuladas em um determinado ponto para aumentar a divisão celular, quando a ponta da raiz de uma outra cebola era direcionada para aquele local. Foi constatado o mesmo efeito em diferentes tecidos de plantas e de animais, chegando-se à conclusão de ter sido identificada o que se rotulou de radiação mitogênica. Objetivando eliminar qualquer interferência de ordem química, o professor Gurvitch colocou as cebolas em separado em pequenos vidros. Quando ele usava vidro de vidraças comuns, o efeito não acontecia.

Entretanto, quando usava o quartzo, a divisão celular continuava a ocorrer. No princípio, o pesquisador russo imaginava que a radiação era puramente biológica; porém, observando com maior detalhe, verificou de que se tratava de ondas eletromagnéticas. Com o passar do tempo, descobriu que a energia que estrutura e regula todos os seres vivos é eletromagnética.

A verdade, porém, é que o professor Gurvitch estava muito à frente de seu tempo (como, aliás, acontece com os grandes pioneiros). E suas teses sobre o funcionamento das células vivas nas décadas de 1920 e 1930, vêm sendo reativadas por seu patrício, o Dr. Ilya Prigogine, ganhador de Prêmio Nobel pelas pesquisas que realizou em torno dos biofótons. Paralelamente, um outro notável investigador, o biólogo inglês Rupert Sheridrake, empreendeu estudos sérios a respeito dos campos mitogenéticos.

Deve-se, no entanto, fazer justiça a um cientista e investigador psíquico alemão, o Dr. Hans Driesch (1867 -1941) que foi o primeiro a

demonstrar que os organismos vivos são, na verdade, campos de energia. Mas, para o Dr. Driesch essa energia que existe nos bastidores da criação das formas, deveria chamar-se enteléquia (princípio vital imaterial e regulador) já, anteriormente, referido por Aristóteles e W. Goethe. Contudo, fora Alexander Gurvitch o primeiro a admitir que lidava com um campo magnético, descrevendo-o e demonstrando existir uma radiação correlata nas células. As conclusões de Gurvitch seriam depois confirmadas pelas pesquisas levadas a efeito pelo Dr. Denis Gabor, Prêmio Nobel de Química, em 1928. Mas as investigações em torno dos biofótons entraram em declínio e, praticamente, desapareceram, pelo menos no Ocidente, em virtude (entre outros motivos) da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, as pesquisas prosseguiram no Leste Europeu, daí decorrendo a descoberta da máquina Kirlian e o trabalho surpreendente do Dr. V. M. Inyushia sobre o corpo bioplasmático, bem como de várias incursões científicas às questões bioenergéticas.

Após o conflito mundial, procedeu-se a uma espécie de renascimento das pesquisas iniciadas por Gurvitch. As correntes dos fótons foram fotografadas, graças a sofisticados instrumentos. Utilizou-se do fotoamplificador para analisar a luz encontrada na célula de organismos vivos. Nesse campo, destacam-se as figuras dos biofísicos italianos Colli e Faccini. Nos idos de 1954, eles chegaram à conclusão de que várias sementes de plantas irradiam luz, que ia desde o verde ao vermelho do espectro.

Deve-se observar, todavia, que a despeito de tantas e avançadas conquistas nessa fascinante pesquisa da Vida, em suas amplas e profundas implicações, não se chegou a um entendimento justo e real do significado da radiação biofotônica. Na verdade, a ciência ainda pretende explicar a Vida tão-somente à luz da bioquímica. Ademais, as pesquisas dos

cientistas da ex-cortina de ferro, no que se refere a radiação biofotônica, não foram acolhidas pelos seus pares do Ocidente, que não acreditam que essa radiação, porque fraca, jamais poderia ter qualquer influência biológica.

Na década de 70, desponta o nome do biofísico alemão Fritz Albert Popp, da Universidade de Marburg. E ele concluiu, depois de acuradas pesquisas, que:

“A renovação das células no homem e no animal só poderia ser transmitida se existisse uma comunicação, operando à velocidade da luz entre todas as células”.

Isto quer dizer que todas as células são sempre avisadas da morte de uma célula e não apenas a substituta!

Popp, a essa altura, tomou conhecimento das experiências do professor russo Kasnatchev, que demonstrou que as células vivas trocam informações biológicas no campo ultra-violeta, através dos fótons. Em suma, ondas eletromagnéticas. Ao mesmo tempo, soube do trabalho desenvolvido por Alexander Gurvitch. A partir daí, ele sentiu-se vivamente estimulado a prosseguir em suas complexas pesquisas, perguntando-se, porém, quais as conseqüências da existência da luz no organismo vivo e quais as suas causas. Popp não admitia que o processo de comunicação dentro do organismo se devesse a um mecanismo puramente de ordem bioquímica.

O certo é que as pesquisas com os biofótons (que redimensionaram a compreensão dos processos básicos da Vida) demonstraram que as células do corpo físico são dirigidas por um campo de biofótons que atuam

mediante uma coerência espantosa, igual a de um raio laser. A coerência, no fundo, se deve ao processo espiritual de que os biofótons participam.

Típicas Manifestações Anímicas

Ideoplastia

Do grego *ideo+plastos+ia*. Significa modelagem da matéria pelo pensamento. O termo foi criado em 1860 por E. Durand, da cidade de Gros, que lhe emprestou o sentido de sugestibilidade a impressão que o pensamento, num terreno preparado pela sugestão, pode provocar no paciente. Julien Ochrowicz, em 1884, lhe deu novo significado: o da “realidade fisiológica”.

De B. G. Tsinoukas, por reputá-lo etimologicamente impróprio, inexato e de nenhuma necessidade científica, recomendou, no Congresso de Paris, o seu banimento.

Anagnosia

Do grego *anagnosis+ia*. Significa leitura supranormal de textos ocultos. O termo e definição são de autoria de Stanley Brath, notável pesquisador psíquico inglês, que o subdivide em quatro classes:

1. Paragnosia
2. Perianagnosia
3. Proanagnosia
4. Teleanagnosia

Paragnosia

Leitura, com contato, de um texto oculto.

Perianagnosia

Leitura de um texto nas circunvizinhanças.

Proanagnosia

Conhecimento de um texto que ainda não foi escrito ou impresso.

Teleanagnosia

Leitura de um texto a grande distância.

Autocospia

Do grego *autos+skopein+ia*. Significa percepção por parte do indivíduo, dos órgãos do seu organismo.

Atribui-se a criação do termo ao Dr. Paul Sollier (vide: *Les Phénomènes d'autoscopie*, Ed. Payot, Paris). Charles Richet, porém, em seu *Taité de Metapsychique*, 1922, afirma que o pesquisador Charles Feré, em *Notes sur hallucinations autoscopiques*, usara o vocábulo pela primeira vez. Enquanto isso, Eugene Osty, do Instituto de Metapsiquica de Paris, preferiu adotar o termo *autovisão*.

Bilocação

Fenômeno pelo qual o Espírito, em estado de transe profundo ou momentâneo, ou no momento da morte, transporta-se, biloca-se, com a aparência de realidade ou tangibilidade real, de um lugar para o outro. É o mesmo que *autotelediplosía*, *desdobramento* e *bicorporeidade*.

Autopremonição

Faculdade de conhecimento, por parte do percipiente, de acontecimentos que lhe dizem respeito, como o dia da morte, doença, acontecimentos trágicos e alegres.

Clarividência

Entende-se por clarividência o conhecimento extra-sensorial de fatos objetivos dos quais não fomos informados, sendo que a percepção pelos sentidos comuns é excluída. Esses fatos devem, pois, fugir, completamente, à ação dos sentidos, quer estejam esses acontecimentos perto do sensitivo (criptoscopia: conhecimento abnormal de coisas ou escritos ocultos), quer estejam a uma distância que os tornam inacessíveis aos sentidos (telescopia: visão abnormal, a distância de coisas ou pessoas), quer estejam afastadas no tempo (clarividência no tempo). No último caso, é necessário, ainda, distinguir a vidência no passado (retroscopia) a vidência no futuro (profecia).

Criptestesia ou Telepatia

A CRIPTESTESIA, termo criado pelo Dr. Charles Richet, é a faculdade que consiste no conhecimento de fatos ou coisas, conhecimento esse que o paciente tem pela percepção paranormal (estímulos psíquicos e anímicos) e, não, pelos órgãos sensoriais.

A CRISPTESTESIA é, nada mais nada menos, que a TELEPATIA de Frederic Myers, um dos fundadores da famosa S. P. R. - Society for Psychical Research (1882).

Campo Medianímico

É o espaço existente, nas experiências de pequenas levitações, entre as mãos do sensitivo e o objeto levitado. Por esse espaço, atravessa a corrente fluídica. É a expressão de Julien Ochorowicz, do Instituto de Psicologia Geral de Paris.

Criptomnésia

A CRIPTOMNÉSIA é um fenômeno que se apresenta com aparente característica de TELEPATIA e da PSICOMETRIA. Entretanto ele possui tipicidade própria, específica. É termo criado pelo Dr. Théodore Flournoy, professor de Psicologia da universidade de Genebra (Suíça). É a faculdade supranormal de leitura na mente dos pacientes, de fatos e idéias, conhecidos deles em outros tempos. É, então, a faculdade consistente no conhecimento oculto na subconsciência dos pacientes.

As teorias sobre a CRIPTOMNÉSIA tendem a anular a sua fonte primordial: a REENCARNAÇÃO. Na realidade, as informações prestadas pelo sensitivo, normalmente em transe hipnótico, deverão ser minuciosamente investigadas, descontando-se dados eventuais de datas e lugares. A suposição de que o paciente tenha baseado a sua história em livros, revistas, filmes, documentários de TV, programas de rádio etc, que leu e/ou a que assistiu, durante um período de sua existência, não descaracteriza, de modo nenhum, o fenômeno da CRIPTOMNÉSIA.

Paracinesia

Levitação de objetos com o contato do sensitivo.

Telecinesia

Movimento de objetos sem contato do percipiente, a longa ou a curta distância.

Metergia

É a ação ou exteriorização supranormal, variada e complexa, produzindo deslocação ou movimento de objetos a distância e produção de efeitos orgânicos no próprio sensitivo. Divide-se em:

♣ Metabiose

♣ Metideogenia

Metabios

Produção em organismos vivos, por meios paranormais, de efeitos orgânicos ou biológicos.

Personismo

De persona+ismo. Atribuem-se a personismo os fenômenos psíquicos inconscientes que se produzem nos limites na esfera corporal do sensitivo. É o desdobramento da consciência. Produzem-se no sonambulismo e, no que Pierre Janet chamou de automatismo psicológico ou prosopopese de René Sudre.

Pictografia

Faculdade mediúnica ou anímica em que o percipiente produz desenhos ou pinturas. É o mesmo que PNEUMATOGRÁFIA FIGURADA.

Psicocinesia

Influência direta que o agente, sem nenhum contato direto ou pessoal, atua sobre a matéria física.

Psicomетria

Conhecimento do passado, do presente e da personalidade humana pela clarividência e por intermédio de contato com objetos pertencentes à época ou às épocas que o experimentador deseja conhecer. O termo e criação do Dr. J. Rhodes Buchannan, médico norte-americano, em 1849.

A obra que trata do assunto é a que publicou em Boston (USA), sob o título **A Manual of Psychometry: the Dawn of a New Civilization.**

Transposição

Do latim *transpositionem* Faculdade supranormal de percepção de coisas fora dos sentidos normais. Pode ser classificada como:

- ♣ Transposição de cores,
- ♣ Transposição de gosto,
- ♣ Transposição de sentidos.

Desdobramento do Perispírito em Estado de Vigília

A esse fenômeno de natureza anímica se deu o nome de “homens duplos”.

Levitação

Admitem alguns autores que levitação tem uma origem eminentemente mediúnica. Outros, porém, crêem que ele a tenha, também, uma gênese psíquica ou anímica. Eis, em síntese, com o pesquisador português Dr. Martins Velho explica o fenômeno, afirmando que na levitação de corpos humanos as leis que regulam a gravidade não se alteram, nem se destroem. No caso, simplesmente à força da gravidade opôs-se outra força aproximadamente igual que permitiu ao corpo flutuar. Essa força é a “força psíquica”, ou a do sensitivo, ou a de um Espírito desencarnado. No primeiro caso, o fenômeno é ANÍMICO, no segundo o fenômeno é MEDIÚNICO.

Sonambulismo

Do Latim *somnus* = sono + *ambulare* = marchar, passear. Estado de emancipação da alma mais completo que o sonho.

O sonho é um sonambulismo imperfeito. No sonambulismo, a lucidez da alma, isto é, a faculdade de ver, que é um dos atributos da sua natureza, é mais desenvolvida. Ela vê as coisas com mais precisão e nitidez, o corpo pode agir sob o impulso da vontade da alma.

Sonambulismo natural - o que é espontâneo e se produz sem provocação e sem influência de nenhum agente exterior.

Sonambulismo magnético ou artificial, o que é provocado pela ação que uma pessoa exerce sobre outra por meio do fluido magnético.

Soniloquia

No Latim *somnus* = sono + *loqui* = falar. Estado de emancipação da alma, intermediária entre o sono e o sonambulismo. Aqueles que falam dormindo são soníloquos.

Allan Kardec rotula de NOCTÂMBULO (do Latim *nox*, *noctis* = a noite + *ambulare*, marchar, passear), aquele que marcha ou passeia durante a noite, dormindo. Entretanto, ele sugere que se adote, em tais casos, a expressão sonâmbulo, uma vez que noctâmbulo e noctambulismo não implicam, de modo nenhum, a idéia de sono.

Dermoótica

Dermoótica é a palavra usada para descrever a capacidade que certas pessoas têm de “ver” através da pele e das pontas dos dedos.

Transe

Do Latim *transire* = passar de um estado a outro. Seria uma condição do “sono aparente” ou “inconsciente”, com marcantes características fisiológicas.

“A verdadeira natureza do TRANSE é desconhecida. Cada sensitivo apresenta, no particular, características específicas”. Daniel Dunglas Home, o mais notável médium da era kardequiana, afirmou, perante a Sociedade Dialética de Londres.

Glossolalia

Vocábulo criado pelo Prof. Theodoro Flournoy para rotular a manifestação de pseudolínguas (falsas xenoglossia) elaboradas nos recessos subconscenciais do próprio médium. Não se trata de desdobramento ou dissociação de personalidade secundária, sugerido pelo psicólogo William James, o que caracterizaria um processo tipicamente anímico. Aí, o indivíduo expressaria o conhecimento de uma ou mais línguas que ele falou em existência pregressa.

Biopausia

É o domínio e a neutralização das funções orgânicas. Os fenômenos do faquirismo (quando verdadeiros) incluem-se nesta categoria.

Pirovasia

É o fenômeno da incombustibilidade paranormal. Ação de suportar o fogo sem dor e sem danos físicos. O médium Daniel Dunglas Home apresentava essa insensibilidade ao fogo.

Fotografia Psíquica

Um dos sensitivos mais importantes no campo da fotografia psíquica foi o ascensorista norte-americano, do Kansas, Ted Series.

Tela Panorâmica

O Prof. Ernesto Bozzano admite três categorias de TELA PANORÂMICA, em que o indivíduo, na iminência da morte, estando ou não moribundo, vê decorrer, como se fosse numa tela cinematográfica, toda a sua vida pregressa, desde a infância até aquele crucial momento.

Telepsicomagnetoterápico

Consiste na projeção fluídica do magnetizador, a qual tem ação curativa.

Transfiguração

A TRANSFIGURAÇÃO, também conhecida por ENDOMETAPLASIA, é um dos fenômenos mais raros do psiquismo experimental. Pode ser mediúnica ou anímica.

Ectoplasma

O vocábulo ECTOPLASMA é criado do Prof. Charles Richet (prêmio Nobel de Medicina, de 1913), para designar a substância que os médiuns expõem pela boca, nariz, ouvidos, órgãos sexuais e pelos poros, como tênues fios de energia vital, que servem para a realização de extraordinários fenômenos de ordem física.

Magnetismo

MAGNETISMO é conhecido desde as mais remotas eras. Formava uma parte da Magia ou Ciência dos Sábios de outrora. Os livros sagrados dos antigos ocultos, os hieróglifos do Egito.

Kirliangrafia

Em 1935, em seu livro **Teoria Eletrodinâmica da Vida**, o médico norte-americano Harold Saxton Burr, da Universidade de Yale, descobriu um envoltório energético nos seres vivos e até chegou a chamá-lo de CAMPO L (L = life - vida).

Em 1939, na antiga URSS, Semyon Davidovich e Valentina Chisanfovna Kirlian, inventaram uma máquina que conseguia fotografar um halo energético em torno dos corpos dos seres humanos, dos animais, dos vegetais e, até mesmo, dos minerais. Nascia, assim, a kirliangrafia

Diapsíquica Dermográfica

Fenômenos de desenhos na pele do próprio sensitivo que concentra o pensamento, desejando esta ou aquela dermatografia, e o fenômeno se produz. Assemelha-se à estigmatização ou introssomatismo.

Elongação

Fenômeno de ectoplasmia em que o corpo do médium se encomprida em alguns centímetros, como ocorreu muitas vezes com Daniel Dunglas Home. Este tipo de fenômeno foi observado em algumas sessões experimentais dirigidas pelo sábio inglês William Crookes.

Hiperestesia

Do grego hyper + aesthesis + ia. Sensibilidade aguçada de alguns percipientes. É a hiperacuidade dos sentidos normais, na definição do Dr. Eugène Osty. Faculdade que possibilita a certos percipientes, em tocando um objeto qualquer, revelar o seu conteúdo. Um dos maiores sensitivos hiperestésicos do mundo foi o polonês Stephan Ossowiecki, pesquisado por Julien Ochorowicz e por Gustave Geley.

Metacinesia

Do grego meta + kinesis + ia. Fenômenos de deslocamento de objetos. A METACINESIA, sendo uma das divisões da METERGIA, compreende duas modalidades:

– Paracinesia

– Telecinesia

O Biômetro De Hippolyte Baraduc

H. Baraduc, desencarnado em 1999, autor de várias obras sobre MAGNETISMO, em que se destaca Iconographie de la Force Vitale Cosmique Od, fabricou um aparelho denominado FOTÔMETRO, com o qual conseguiu medir a força psíquica.

Psicotrônica

A PSICOTRÔNICA surgiu a partir de 1960. Tentava-se sintetizar as pesquisas desenvolvidas por investigadores em várias partes do mundo, preocupados em estabelecer as interconexões entre energia, matéria e consciência.

O vocábulo PSICOTRÔNICA é constituído de dois vocábulos: psyché = Espírito + tron = instrumento.

Premonição

A PREMONIÇÃO, modernamente rotulada de PARAGNOSE, é o conhecimento além dos limites sensoriais. É o mesmo, ainda, que antevisão, prenúncio, presciência, profecia etc.

Déjà Vu e a Premonição

A experiência relatada de déjà vu sugere o que o Dr. J. B. Rhine rotula de percepção extra-sensorial precognitiva. Exemplo:

Uma pessoa que penetra em sua cabina para uma primeira viagem transoceânica, imediatamente exclama já tê-la visto, nos mesmos detalhes, sem nunca ter examinado fotografias dela, nem nunca ter pisado num navio. Talvez - especulam os pesquisadores - o percipiente tenha tido um sonho precognitivo, esquecido e, contudo, bastante resistente em sua memória latente para produzir uma experiência de reconhecimento.

Diapsíquica

Do grego dia + psike + ia. É a denominação de Émile Boirac, inserta em L' Avenir des Sciences Psychiques. É a comunicação de Espírito a Espírito, estejam eles encarnados ou desencarnados. Boirac tenta diferenciar o termo de TELESPIQUIA, que seria a transmissão do pensamento a longa distância.

Referências Bibliográficas

AMADOU, Robert. **Parapsicologia – Ensaio Histórico e Crítico**. Tradução de Miguel Maillet, São Paulo: Editora Mestre Zou, 1954.

ANDRADE, Hernani Guimarães. **A Matéria Psi**. Matão/SP: Editora O Clarim, 1972.

_____. **Parapsicologia Instrumental**. São Paulo: Editora Pensamento, 1986.

AZIPÚRUA, Jon. **História de La Parapsicologia**. Ediciones CIMA, Caracas, Venezuela.

AKSAKOF, Alexander. **Animismo e Espiritismo**. Tradução do Dr. C. S. Rio de Janeiro: FEB Editora, 1992.

BISSON, Juliette-Alexander. **El Mediunismo em La Sorbona**. Argentina: Editorial Constanca.

_____. **Les Phénomènes Dits de Matérialization**, Paris, 1921.

BOZZANO, Ernesto. **A Propósito da Metapsíquica Humana**. Tradução de Araújo Franco. Rio de Janeiro: FEB Editora, 1946.

_____. **O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas**. Rio de Janeiro: Editora ECO.

_____. **Animismo ou Espiritismo?** Tradução de Luiz O. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FED Editora, 1987. 104

_____. **Pensamento e Vontade**. Tradução de Manuel Quintão. Rio de Janeiro: Editora, 1983.

CERVIÑO, Jayme. **Além do Inconsciente**. Rio de Janeiro: FEB Editora, 1979.

DELANNE, Gabriel. **Investigaciones sobre la Mediunidade**. Argentina: Imprensa Constanca.

EISENBUD, Jule. **The World of Ted Serios**. Marrow, 1967.

GELEY, Dr. Gustave. **Del Inconscient au Conscient**. Félix Alcan, Paris, 1921.

_____. **L' Ectoplasmie et la Clairvoyance**. Félix Alcan, Paris, 1924.

HEYDECKER, Joe J. **Fatos de Parapsicologia**. Rio de Janeiro / São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1984.

INARDI, Massimo. **A História da Parapsicologia**. Tradução: A. J. Pinto Ribeiro. São Paulo: Livraria Martins Fontes. Edições 70, 1990.

LESSA, Adelaide Petters. **Pré-Cognição**. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

_____. **Paragnose do Futuro – A Predição Parapsicológica documentada**. São Paulo. IBRASA, 1978.

LOUREIRO, Carlos Bernardo. **As Mulheres Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB Editora, 1996.

_____. **Dos Raps à Comunicação Instrumental**. Rio de Janeiro: Editora Societo Lorens, 1993. 105

_____. **Espiritismo e Magnetismo. De Paracelso à Psicotrônica**. São Paulo: Editora Mnêmio Túlio, 1998.

_____. **Perispírito – Natureza, Funções e Propriedades.** São Paulo: Editora Mnêmio Túlio, 1997.

MYERS, Fredric W. M. **Human Personality and its survival after bodily death.** Longmans, London, 1920.

OSTRANDER, Sheila e SHROEDER, Lynn. **Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro.** São Paulo: Editora Cultrix.

PAPUS. **O Ocultismo.** São Paulo: Livraria Martins Fontes. Edições 70, 1975.

PRINCE, Harry. **The Most Haunted House in England.** 1940.

_____. **Fifty Years of Psychic Research.** Longmans, London, 1939.

RHINE, J. B. e PRATT, J. G. **Parapsychology Frontier Science of the Mind.** Springfield: Ch. C. Thomas, 1962.

RHINE, J. B. e BRIER, Robert. **Parapsicologia Atual.** São Paulo. Editora Cultrix.

RHINE, Louisa. **Canais Ocultos da Mente.** São Paulo: Best Seller. 1996.

RICHET, Charles. **Traité de Métapsychique.** Félix Alcan, Paris, 1923.

RIZZINI, Carlos Toledo. **Fronteiras do Espiritismo e da Ciência.** 3º edição. São Paulo: LAKE 1992.

RYZL, Milan. **Parapsicologia Atual - Fatos e Realidade**: A grande força da percepção extrasensorial. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. 2^a. São Paulo: IBRASA, 1979.

SEABRA, Alberto. **Phenomenos Psychicos**. 2 a edição. São Paulo: O Pensamento. 1927.

SOAL, S. G. e BATEMAN, F. . **Telepatia**. São Paulo: IBRASA.

SOUTO, Alain. **Relações sobre Telepatia**. Lisboa/ Portugal: Livraria Bertrand.

STILL, Alfred. **Nas Fronteiras da Ciência e da Parapsicologia**. São Paulo: IBRASA.

SUDRE, René. **Tratado de Parapsicologia**. Tradução de Constantino Paleologo. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1966.

TINOCO, Carlos Alberto de Souza. **Fenômenos de Psicocinesia Expontânea**. Manaus, 1978.